

UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA “Júlio de
Mesquita Filho” Instituto de Geociências e
Ciências Exatas Câmpus de Rio Claro

**O BAIRRO RURAL DE SANTANA – PIRACICABA –SP : SUAS
CARACTERÍSTICAS SOCIAIS E ECONÔMICAS.**

MARCELA BIANCA MALOSSO GRAÇA

Rio Claro - SP
2018

UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA “Júlio
de Mesquita Filho” Instituto de Geociências e
Ciências Exatas Câmpus de Rio Claro

**O BAIRRO RURAL DE SANTANA – PIRACICABA – SP: SUAS
CARACTERÍSTICAS SOCIAIS E ECONÔMICAS.**

MARCELA BIANCA MALOSSO GRAÇA

Dissertação de Mestrado apresentada ao
Instituto de Geociências e Ciências Exatas do
Câmpus de Rio Claro, da Universidade
Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”,
como parte dos requisitos para obtenção do
título de Mestra em Geografia
Orientadora: Profa. Dra. Darlene Aparecida
de Oliveira Ferreira

Rio Claro - SP

2018

910.12 Graça, Marcela Bianca Malosso
G729b O bairro rural de Santana - Piracicaba-SP : suas características
sociais e econômicas / Marcela Bianca Malosso Graça. - Rio
Claro, 2018

84 f. : il., figs., gráfs., tabs., quadros, fots., mapas

Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual
Paulista, Instituto de Geociências e Ciências Exatas
Orientadora: Darlene Aparecida de Oliveira Ferreira

1. Geografia rural. 2. Bairro rural. 3. Agricultura familiar.
4. Novo rural. 5. Ocupações rurais não agrícolas.
6. Pluriatividade. I. Título.

MARCELA BIANCA MALOSSO GRAÇA

**O BAIRRO RURAL DE SANTANA – PIRACICABA – SP: SUAS
CARACTERÍSTICAS SOCIAIS E ECONÔMICAS.**

Dissertação de Mestrado apresentada
ao Instituto de Geociências e Ciências
Exatas do Câmpus de Rio Claro, da
Universidade Estadual Paulista “Júlio de
Mesquita Filho”, como parte dos
requisitos para obtenção do título de
Mestra em Geografia

Comissão Examinadora

Profa. Dra. Darlene Aparecida de Oliveira Ferreira (Orientadora)
IGCE/UNESP/Rio Claro – SP

Prof. Dr. Enéas rente Ferreira.
IGCE/UNESP/Rio Claro – SP

Prof. Dr. João Carlos Geraldo
UNIARA/Araraquara – SP

Resultado: Aprovada

Rio Claro, 15 de maio de 2018

AGRADECIMENTOS

“Estejam sempre alegres, rezem sem cessar. Dêem graças em todas as circunstâncias, porque esta é a vontade de Deus a respeito de vocês em Jesus Cristo. Não extingam o espírito, não desprezem as profecias; examinem tudo e fiquem com o que é bom. Fiquem longe de toda espécie de mal.” (I Tessalonicenses 5, 16-22)

No percurso de todo trabalho, existem muitos motivos que te levam a desistir, apesar de todas as circunstâncias, Deus, junto das pessoas que nos amam, não nos deixam desistir.

Quando se conclui um trabalho temos muito a agradecer, e a partir disso, expressei meus sinceros agradecimentos a todas as pessoas que fizeram parte da realização e conclusão dessa pesquisa, o que foi de imensa contribuição e crescimento pessoal.

Agradeço em primeiro lugar a minha família, em memória de minha mãe Isabel responsável pelo motivo de eu chegar até aqui, pelo meu pai José Paulo um dos meus maiores incentivadores ao longo do meu caminho e pela minha irmã Bruna que sempre me apoia e me ajuda no que for necessário.

Ao meu grande amor, meu marido Fábio L. Franco de Souza, que sempre está ao meu lado como amigo, como incentivador e que me ajuda e me auxilia no que for preciso, sem ele ao meu lado nada faria sentido e não seria possível chegar aonde cheguei até o presente momento.

À Professora Darlene Aparecida de Oliveira Ferreira, pela paciência, pela confiança, pelo auxílio, dedicação e por ter me ajudado no que foi necessário para o desenvolvimento dessa pesquisa, e também por todos os momentos que se mostrou mais que uma orientadora e sim uma amiga.

Ao grupo NEA (Núcleo de Estudos Agrários), no qual estive desde o ano de 2013 e todos me receberam com muito carinho e acolhimento (Helder, Stefan, Sibeli, Bianca, Beatriz, Wilyan, Matheus, João, Enéas e tantos outros que por lá passaram ao longo desses anos).

À Cibele Marto de Oliveira, pela amizade e ajuda dada nessa pesquisa, pela companhia nos trabalhos de campo, pela troca de informações e conteúdo para o desenvolvimento da pesquisa e por nunca deixar o silêncio permanecer entre nós.

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES), Código de Financiamento 001. Agradeço pelo financiamento da pesquisa e estudo, sendo que por meio desse apoio, foi possível a realização desse trabalho.

Aos professores, José Giacomo Baccarin e Enéas Rente Ferreira pelas contribuições realizadas no Exame de Qualificação.

Ao Programa de pós-graduação em Geografia do IGCE/UNESP de Rio Claro, por todo o auxílio que nos proporciona.

Aos moradores do bairro de Santana – Piracicaba -SP, que em todas as visitas realizadas sempre nos receberam de braços abertos, dispostos a conversar e transmitir seu conhecimento tanto para a pesquisa quanto para a vida. Em especial a Sra. Dirce nos recebendo com muito carinho.

Aos órgãos da Prefeitura de Piracicaba responsáveis por grande parte dos dados inseridos no trabalho, em especial ao Instituto de Pesquisa e Planejamento de Piracicaba, no qual me foi fornecidas informações e dados importante sendo o responsável por esses, Márcio José Pizzol.

“Com a benção do senhor atingi a meta, e como o vindimador, enchi o tanque de espremer uvas. Vejam que eu não me afadiguei só para mim, mas para todos aqueles que procuram a instrução.” (Eclesiástico 33, 17-19)

RESUMO

O objetivo geral desta dissertação é identificar as estratégias econômicas e sociais dos moradores do Bairro Rural de Santana- Piracicaba-SP mediante a verificação das fontes de obtenção de renda desses moradores. A problemática foi construída a partir da seguinte hipótese, com o processo de modernização da agricultura e as mudanças ocorridas na agricultura familiar, quais foram as estratégias econômicas e sociais desenvolvidas pelos produtores rurais para obtenção de renda e permanência na propriedade. Assim, a pesquisa analisou o que pode ser entendido por ocupações rurais agrícolas e não agrícolas e a pluriatividade. O intuito desta investigação foi analisar como estão atualmente as vidas dos produtores rurais, quais são as atividades que exercem, quantas são as pessoas da família que trabalham no campo em atividades agrícolas e aqueles que se dedicam às atividades não agrícolas. Os procedimentos metodológicos da pesquisa foram, a revisão bibliográfica e realização de trabalho de campo com aplicação de questionários com os moradores do bairro rural de Santana – Piracicaba – São Paulo, palco espacial da pesquisa. Os resultados obtidos nos permitiram verificar que os moradores do bairro se dedicam ou dedicaram suas vidas nas ocupações agrícolas como herança, à relação com a pluriatividade pode ver verificada, mediante a produção de vinho e dentro das famílias possuem os que trabalham na cidade no comércio, indústrias e empresas de uma maneira geral. Constatamos que os moradores na sua maioria não tem a terra como meio de obtenção de renda. Assim, foi possível observar que os moradores são em grande parte com mais de 41 anos, estando em um processo de envelhecimento, ocorrendo assim um distanciamento da relação da terra, com as gerações mais jovens.

Palavras – chave: bairro rural; agricultura familiar; novo rural; ocupações rurais não agrícolas; pluriatividade

ABSTRACT

The general objective of this dissertation is to identify the economic and social strategies of the residents of the Rural District of Santana-Piracicaba-SP by verifying the sources of income of these residents. The problem was built from the following hypothesis, with the process of modernization of agriculture and changes in family agriculture, what were the economic and social strategies developed by farmers to obtain income and stay in the property. Thus, the research analyzed what can be understood by agricultural and non-agricultural rural occupations and pluriactivity. The purpose of this research was to analyze how the lives of rural producers are currently, what activities they carry out, how many people in the family work in the field in agricultural activities and those engaged in non-agricultural activities. The methodological procedures of the research were, the bibliographical review and the accomplishment of field work with the application of questionnaires with the residents of the rural district of Santana - Piracicaba - São Paulo, space stage of the research. The results obtained allowed us to verify that the inhabitants of the neighborhood dedicate themselves or dedicated their lives in the agricultural occupations as inheritance, to the relation with the pluriactivity can be verified, through the production of wine and within the families they have those who work in the city in the commerce, industries and businesses in general. We find that the majority of the residents do not have land as a means of obtaining income. Thus, it was possible to observe that the inhabitants are mostly over 41 years old, being in an aging process, thus occurring a distancing of the land relationship with the younger generations.

Keywords: rural neighborhood; Family farming; new rural, rural occupations non - agricultural; pluriativity

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Mapa de uso do solo do município de Piracicaba.....	22
Figura 2: Uso do solo no município de Piracicaba.....	23
Figura 3: Distribuição relativa do uso do solo no município de Piracicaba.....	23
Figura 4: Localização do bairro de Santana - Piracicaba – SP.....	24
Figura 5: Localização da região do Trentino na Itália.....	44
Figura 6: Trajeto Centro de Piracicaba- Bairro Rural Santana.....	46
Figura 7: Vista aérea do bairro.....	47
Figura 8: Vista do bairro Santana no ano de 2017.....	47
Figura 9: Monocultura da cana-de-açúcar I.....	48
Figura 10: Monocultura da cana-de-açúcar II.....	48
Figura 11: Monumento que indica a entrada aos bairros.....	49
Figura 12: Rua da entrada do bairro de Santana.....	50
Figura 13: Estabelecimento comercial I – Bar.....	50
Figura 14: Rotatória do bairro de Santana I.....	51
Figura 15: Rotatória do bairro de Santana II.....	51
Figura 16: Igreja do bairro de Santana.....	51
Figura 17: Ruas principais do bairro de Santana.....	52
Figura 18: Salão comunitário da igreja e do bairro de Santana.....	53
Figura 19: Estabelecimentos comerciais II.....	53
Figura 20: Rua da Vinícola.....	54
Figura 21: Vinícola de Santana.....	54

Figura 22: Entrada da Festa do Vinho	56
Figura 23: Abertura da Festa do Vinho.....	57
Figura 24: Salão comunitário durante a Festa do Vinho	58
Figura 25: As ruas do bairro de Santana I	65
Figura 26: Praça do bairro de Santana.....	65
Figura 27: As ruas do bairro de Santana II	65
Figura 28: Horta	67
Figura 29: Plantação de banana	68

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 : População Urbana e Rural do município de Piracicaba-SP	40
--	----

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 : Agricultura do município de Piracicaba-SP	41
Tabela 2 : Faixa etária dos entrevistados.....	61
Tabela 3 : Naturalidade dos entrevistados.....	62
Tabela 4 : Grau de escolaridade.....	62
Tabela 5 : Saúde.....	62
Tabela 6 : Aquisição da propriedade	62
Tabela 7 : Ocupação dos entrevistados	63
Tabela 8 : Exploração da propriedade	63
Tabela 9 : Atividades desenvolvidas na propriedade	63
Tabela 10 : Aquisição da propriedade.....	63
Tabela 11 : Tamanho da propriedade	64

LISTA DE SIGLAS

CAIs - Complexos Agroindustriais CATI -

Coordenadoria de Assistência Técnica Integral IBGE

- Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística NEA -

Núcleo de Estudos Agrários

IPPLAP - Instituto de Pesquisas e Planejamento de Piracicaba

SEMA - Secretaria Municipal de Agricultura e Abastecimento

SEMAE - Serviço Municipal de Água e Esgoto

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO E JUSTIFICATIVA	15
1. CONCEPÇÕES METODOLÓGICAS DA PESQUISA.....	17
1.1 Problemática da pesquisa e pressupostos teóricos	19
1.2 Objetivos da pesquisa	19
1.2.1 Objetivo Geral	19
1.2.2 Objetivos específicos	19
1.3 Recorte espacial	20
1.4 Metodologia.....	27
2. PROCESSO DE MODERNIZAÇÃO DA AGRICULTURA E AGRICULTURA FAMILIAR.....	29
2.1 Abordagens teóricas acerca do novo rural e da pluriatividade	32
3. O MUNICÍPIO DE PIRACICABA-SP	38
3.1 Abordagem teórica sobre os bairros rurais	42
3.2 Características da área de pesquisa Bairro Rural de Santana, Piracicaba-SP	43
3.2.1 História das regiões do trentino	44
3.2.2 Descrição do bairro de Santana	45
3.2.3 A festa do Vinho de Santana.....	56
3.2.4 Histórias da formação do bairro.....	59
4. ANÁLISE DO BAIRRO RURAL DE SANTANA (PIRACICABA-SP).....	61
CONSIDERAÇÕES FINAIS	69
REFERÊNCIAS.....	71
APÊNDICE 1 – Questionário aplicado aos moradores do bairro rural de Santana.....	74
APÊNDICE 2 – História do Bairro Rural de Santana.....	79

INTRODUÇÃO E JUSTIFICATIVA

O desenvolvimento desta dissertação, resulta do projeto de pesquisa intitulado “A pluriatividade no bairro rural de Santana, Piracicaba-SP”, que se tornou “ O bairro rural de Santana – Piracicaba - SP: suas características sociais e econômicas”; financiado pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), realizada em nível de Mestrado pelo Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”(UNESP), Instituto de Geociências e Ciências Exatas do Campus de Rio Claro.

A pesquisa foi desenvolvida junto ao Núcleo de Estudos Agrários (NEA) e tem como objetivo identificar as estratégias econômicas e sociais dos produtores rurais do Bairro Rural de Santana, em Piracicaba-SP, mediante a verificação das fontes de obtenção de renda de seus moradores.

Os motivos que nos levaram a pesquisar e analisar o presente tema, foram as pesquisas de iniciação científica, anteriormente realizadas, no período de 2009 a 2011, quando cursava a graduação na Universidade Estadual de Londrina, sob orientação da Profa. Dra. Ideni Terezinha Antonello, e também, um aprofundamento sobre o assunto com as discussões feitas junto ao Núcleo de Estudos Agrários (NEA), coordenado pela Profa. Dra. Darlene Aparecida de Oliveira Ferreira. Os temas discutidos no NEA foram: Multifuncionalidade, agricultura familiar, relação campo-cidade, pluriatividade, pequenas propriedades e bairros rurais, sendo possível fazer o levantamento bibliográfico necessário para a pesquisa.

A escolha do recorte espacial ocorreu devido ao município ser o que nasci e o que resido atualmente, e o local desenvolvido na pesquisa, o bairro rural Santana, ser um bairro com características próprias, junto com o bairro rural de Santa Olímpia. Ademais a definição e a decisão do local estarão descritas no recorte espacial.

Para poder analisar e discutir o assunto pesquisado foi utilizado como base as categorias de paisagem e território, as mesmas são usadas nos estudos de pluriatividade e multifuncionalidade.

A partir do levantamento bibliográfico realizado em relação ao recorte espacial da pesquisa, não foi encontrado nenhum trabalho com esse

mesmo objetivo, ou seja, analisar as estratégias econômicas e sociais dos moradores do bairro do Santana – Piracicaba – SP.

Dessa maneira, o que está sendo abordado pode contribuir para as práticas de análise das mudanças ocorridas no campo, em específico em bairros rurais ao longo dos anos, e as múltiplas funções da terra.

A pesquisa foi construída a partir do seguinte questionamento: com o processo de modernização da agricultura e as mudanças ocorridas na agricultura familiar, quais foram as estratégias econômicas e sociais desenvolvidas pelos produtores rurais para a obtenção de renda e permanência na propriedade. Parte-se do pressuposto de que tais estratégias se manifestam pela pluriatividade, ou seja, além da agricultura, os produtores de Santana/Piracicaba-SP desenvolvem atividades não-agrícolas no interior das propriedades ou fora delas. Lembramos que estudamos um município cujo processo de urbanização é bastante avançado o qual oferece mercado de trabalho e de consumo, primordiais para a constituição de famílias pluriativas.

Além desta introdução, esta dissertação está organizada em quatro capítulos, considerações finais e apêndice. No primeiro capítulo discutimos as concepções metodológicas da pesquisa: discussão sobre as categorias geográficas, paisagem e território; problemática; objetivos; recorte espacial e metodologia. No segundo capítulo abordamos o resultado de pesquisa bibliográfica desenvolvida sobre o tema, processo de modernização da agricultura e agricultura familiar, o qual é encaminhado para a discussão dos subcapítulos, o novo rural e a pluriatividade. No terceiro capítulo apresentamos o nosso recorte espacial do município de Piracicaba-SP, o qual descreve algumas características da formação do município, sua localização, dados populacionais e tipos de produção agrícola, seguido da definição de bairro rural, e o bairro rural de Santana, que é o local da pesquisa. No quarto capítulo estão as análises obtidas a partir de dados primários e secundários do bairro rural Santana.

1. CONCEPÇÕES METODOLÓGICAS DA PESQUISA

A paisagem é tudo o que nossos olhos podem ver, tanto natural quanto humanizada. O território é uma porção do espaço onde existe um pertencimento, como um bairro, uma comunidade, onde se criam “raízes” (SANTOS, 2011, p.63).

É possível compreender que todas as categorias ou conceitos da geografia (paisagem, lugar, território, região e espaço) estão dentro de uma só, que é o espaço. “O espaço é formado por um conjunto indissociável, solidário e também contraditório de sistemas de objetos e sistemas de ações, não considerados isoladamente, mas como o quadro único no qual a história se dá” (SANTOS, 2011, p.63), e é dentro desses sistemas que é possível analisar um território e observar uma paisagem, os mesmos integrando o espaço, porém, não podemos tratá-los com o mesmo significado, pois cada um tem sua especificidade.

Por outro lado, o entrelaçamento em cadeia dessas três categorias, sempre com a centralidade na categoria espaço, dá também a fórmula geográfica para a leitura da relação entre as categorias do meio ambiente e do espaço. Ao se exprimir como espaço através dos princípios lógicos da localização e da distribuição,[...]na paisagem e assim no território, o meio ambiente se organiza espacialmente, organizando a sociedade ambientalmente. (MOREIRA, 2008, p.116)

Quando o território que se irá pesquisar, ou explorar, de alguma maneira, é definido, se faz necessário conhecer a paisagem do local, e a partir desse conhecimento, os mesmos estão dentro do espaço que se organiza, como resultado de interações humanas. A relação homem-meio é o eixo epistemológico, e se estrutura na combinação da paisagem, do território e do espaço. (MOREIRA, 2008)

Milton Santos, quando discute o espaço com seus sistemas de objetos e sistemas de ação, explica a categoria de configuração territorial, que,

[...] é dada pelo conjunto formado pelos sistemas naturais existentes em um dado país ou numa dada área e pelos acréscimos que os homens superimpuseram a esses sistemas naturais. A configuração territorial não é o espaço, já que sua realidade vem de sua materialidade, enquanto o espaço reúne a materialidade e a vida que a anima. A configuração territorial, ou configuração geográfica, tem, pois, uma existência material própria, mas sua existência social, isto é, sua existência real, somente lhe é dada pelo fato das relações sociais. Esta é uma

outra forma de apreender o objeto da geografia.
(SANTOS, 2011, p.62)

O espaço pode ser compreendido como algo material, pois é nele onde ocorrem movimentos da sociedade como um todo, porém existe um padrão que serve como análise que é a relação do homem, e as categorias paisagem, território e espaço, auxiliam na análise de algum fenômeno do espaço, sendo assim as categorias da geografia (MOREIRA, 2008).

Mas o que deve ser analisado primeiro, a paisagem ou o território? A paisagem se associando ao espaço ou vice versa?

[...] a paisagem é o ponto de partida metodológico, o plano da percepção sensível dos objetos e seu arranjo, que serão lidos e descritos com a ajuda dos princípios; o território vem em seguida, a partir da identificação dos recortes de domínios mapeados no arranjo localização e distribuição e assim dos sujeitos da paisagem; o espaço é o resultado final, aparecendo na classificação do conjunto como estrutura qualificada de relações, em cuja base está o caráter histórico da relação home-meio, a sociedade geograficamente organizada. (MOREIRA, 2008, p.118)

Por isso que o que aprendemos primeiro é que a paisagem é tudo que a visão abarca dentro de uma configuração territorial (SANTOS, 2011), é preciso visualizar, para posteriormente compreendê-lo, analisá-lo, classificá-lo e colocar como resultado final dentro daquele determinado espaço.

A partir dessa visualização da paisagem, que se identificam questões históricas daquele espaço, como a formação de uma sociedade e as mudanças ao longo do tempo.

A paisagem existe através de suas formas, criadas em momentos históricos diferentes, porém coexistindo no momento atual. No espaço, as formas de que se compõe a paisagem preenchem, no momento atual, uma função atual, como resposta às necessidades atuais da sociedade. Tais formas nasceram sob diferentes necessidades, emanaram de sociedades sucessivas, mas só as formas mais recentes correspondem a determinações da sociedade atual. (SANTOS, 2011, p.104)

Para cada estudo em geografia existe uma descrição da paisagem, e a mesma depende da visualização e do conhecimento de cada um. “O recorte de espaço desses objetos na paisagem é o seu território. De modo que o segundo momento do método é a aplicação dos princípios lógicos do espaço à leitura do território” (MOREIRA, 2007, p.117), por isso que existem diferentes formas de descrever os mesmos lugares.

O recorte espacial que apresentamos neste trabalho, trata-se de um corpo paisagístico que destoa no conjunto, ou seja, é o rural inserido no urbano, mas por outro lado, também é um território político, administrativo e juridicamente definido, um bairro instituído burocraticamente no contexto do município.

1.1 Problemática da pesquisa

Com o processo de modernização da agricultura e as mudanças ocorridas na agricultura familiar, quais foram as estratégias econômicas e sociais desenvolvidas pelos produtores rurais para a obtenção de renda e permanência na propriedade?

1.2 Objetivos da pesquisa

1.2.1 Objetivo Geral

Mediante a problemática da pesquisa, o objetivo geral do trabalho é: identificar as estratégias econômicas e sociais dos produtores rurais no Bairro Rural de Santana, Piracicaba-SP, mediante a verificação das fontes de obtenção de renda de seus moradores.

1.2.2 Objetivos específicos:

- Identificar nas propriedades, se existem, e quais são as atividades agrícolas e não-agrícolas;
- Constatar se os moradores do bairro rural de Santana podem ser considerados pluriativos;
- Analisar as mudanças ocorridas no rural, pós modernização da agricultura e as relações entre campo e cidade na vida da população moradora do bairro.

1.3 Recorte espacial

O município de Piracicaba, caracteriza-se por ser urbano-industrial, onde estão localizadas indústrias voltadas para a produção de açúcar e álcool, fato este marcante na história local, constituindo uma área de forte presença de monocultura canavieira. Seu desenvolvimento urbano avançado atrai empresas multinacionais, proporcionando destaque econômico no contexto nacional.

Para melhor compreender sobre o processo de crescimento e industrialização de Piracicaba-SP, segue um trecho do capítulo 1 denominado “*Piracicaba ontem e hoje*” retirado do Atlas Rural de Piracicaba de 2006.

As primeiras referências ao “lugar” Piracicaba são antigas e datam do princípio do século XVII. Nessa época, os paulistas referiam-se ao “Sertão de Piracicaba” como toda a região entre as vertentes dos rios Tietê e Capivari até a Serra de São Pedro e, mais precisamente, “costumavam citar a ‘paragem do Piracicaba’ e o porto de Piracicaba; apenas este tinha localização precisa ao pé do Salto” (Perecin, 1994 citado por Pompermeyer, 1998).

Na segunda metade do século XVIII, São Paulo passava por uma transição econômica, de atividades bandeiristas para uma incipiente agricultura. Nesse momento, foi fundado ao pé do salto, na margem direita do rio, o núcleo urbano de Piracicaba com o objetivo de ser porto de abastecimento da colônia militar de Iguatemi na fronteira paraguaia. O pequeno vilarejo vivia em função do rio que o margeava. Em 1773, a área urbanizada restringia-se a poucas casas, que ocupavam pouco mais de 30.000 m² com uma população de apenas 183 habitantes (Perecin, 1995). Em 1784, o então vilarejo recebeu autorização para se mudar para a margem esquerda do rio. A mudança coincidiu com a perda de Iguatemi para os Espanhóis e com o término da fase exclusivamente fluvial da história de Piracicaba.

A partir dessa época, a evolução de Piracicaba foi marcada fundamentalmente por duas atividades principais intimamente associadas, que, desde muito cedo, desenvolveram-se na área do atual município e constituíram a base para a moderna industrialização: a cultura da cana de açúcar e a fabricação do açúcar.

No princípio do século XIX, a região apresentou uma incipiente agroindústria açucareira, “beneficiando-se da abertura dos portos (1808) e das razoáveis cotações do açúcar no mercado mundial” (Perecin, 1992). Piracicaba foi elevada a Vila em 1822, quando já representava um polo agroindustrial no meio oeste paulista, exercendo uma atração populacional regional que se refletiu em um incremento populacional urbano e rural de quase 500% entre os anos 1816 e 1936, passando de 2.200 habitantes em 1816 para 10.291 em 1936 (Sampaio, 1976). A partir da segunda metade do século XIX, Piracicaba viveu a ascensão e queda da produção cafeeira. O ciclo do café contribuiu para o setor de transportes através da implantação de ferrovias, favorecendo o desenvolvimento de algumas vilas ao longo das linhas, como Santa Terezinha e Tupi. Contribuiu também para atrair um contingente de imigrantes europeus, principalmente italianos, que aumentou consideravelmente a população local (Barthelmes, 1958). “A cultura da cana e a produção de açúcar, alterando a primazia com a lavoura do café, são, portanto, os fatores principais do desenvolvimento econômico do município no século XIX e primeiras décadas do século XX” (Sampaio, 1976).

A partir da década de 1940, a exemplo de todo o sudeste brasileiro, Piracicaba experimentou uma diversificação da estrutura industrial com um nítido crescimento no ritmo de

implantação fabril. Esse fenômeno conferiu à cidade a função de centro de produção econômica e a diversificação de atividades gerou uma elevação na complexidade da estrutura social, que se refletiu quantitativamente no aumento populacional e no crescimento físico da mancha urbana.

Entre os anos 1968 e 1978, o Brasil vivenciou uma vertiginosa industrialização com um crescimento médio da economia ao redor de 11% ao ano em função da entrada de capital e de tecnologia provenientes das grandes empresas multinacionais.

A partir do final da década de 1970, os governos federal e estadual assumiram uma política de interiorização do desenvolvimento na perspectiva de tornar as cidades médias paulistas receptoras de investimentos industriais privados. Piracicaba foi uma das cidades de destino dessa indústria. O incremento do parque industrial, de um lado, e a ampliação das relações capitalistas no campo, de outro, desencadearam de maneira desenfreada o processo de êxodo rural. “A população urbana de Piracicaba passou de 80.670 habitantes em 1960 para 125.384 habitantes em 1970, e em 1980 chegou a 179.380 habitantes” (Censo IBGE, 1960 e 1970, citado por Pompermeier, 1998).

Os anos 80 significaram para o Brasil um acentuado processo de desaceleração da sua economia. Entretanto, cidades médias como Piracicaba passaram a ter taxas de crescimento econômico superiores às da capital. O resultado foi o aumento da participação das cidades do interior no produto industrial do Estado e a consequente manutenção do ritmo de crescimento físico e populacional dessas cidades.

Piracicaba é hoje uma cidade polo de uma região de quase três milhões de habitantes, dentro de uma bacia que abrange uma área de 12.400 km², 50 municípios paulistas e 8% da população do Estado. Constitui, depois de Campinas, a cidade mais populosa dessa bacia. Sua importância regional como “metrópole”, exercendo atração populacional sobre municípios vizinhos, acarreta vários problemas relacionados a uma expansão urbana não controlada de maneira efetiva e consequente. Tal quadro ocasiona carência e má distribuição de equipamentos sociais (saúde, educação, segurança, lazer, etc.), pela dificuldade em atender uma população distribuída desigualmente pelo território.

No entanto, apesar de Piracicaba vivenciar problemas semelhantes aos de uma metrópole, ela se enquadra em um grupo de cidades médias paulistas onde projetos a médio prazo envolvendo melhor qualidade de vida a seus moradores, maior participação da cidadania no governo e gestão urbana, e um processo de urbanização mais sustentável ainda são possíveis de se realizar (Feldman, 2000). (Atlas Rural de Piracicaba, 2006)

Neste contexto, o município ainda mantém em seu interior espaços que guardam a história desse passado de dominação agrícola em forma de bairros com características rurais, que estão distanciados da centralidade urbana, o que nos causou inquietação e nos fez desenvolver esta pesquisa.

No mapa apresentado na Figura 1, relacionada ou uso do solo do município de Piracicaba, se destaca o cultivo da cana de açúcar distribuído por todo município, conforme o que já foi explicado.

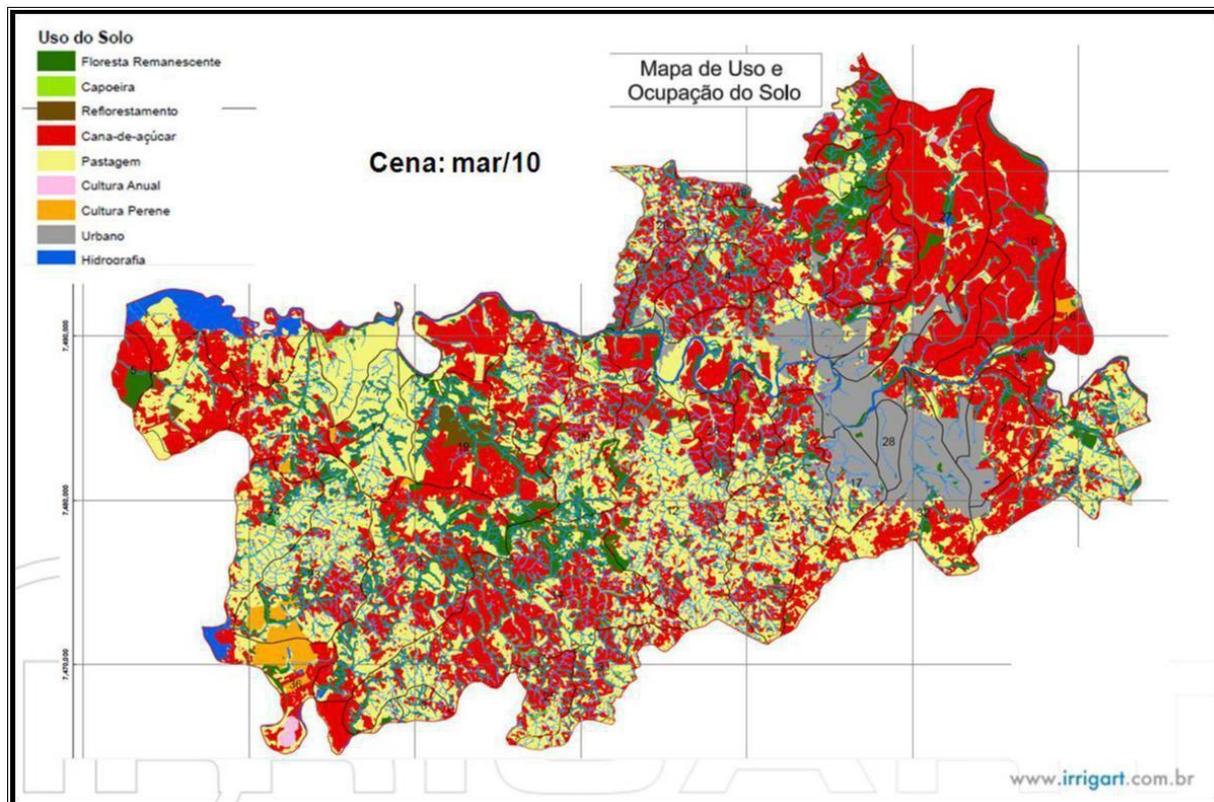


Figura 1 - Mapa de uso do solo do município de Piracicaba.
Fonte: Irrigart, 2011

A partir da análise e resultados apresentados no Mapa acima, de uso do solo, os mesmos serão apresentados nos gráficos a seguir, nas Figuras 2 e 3.

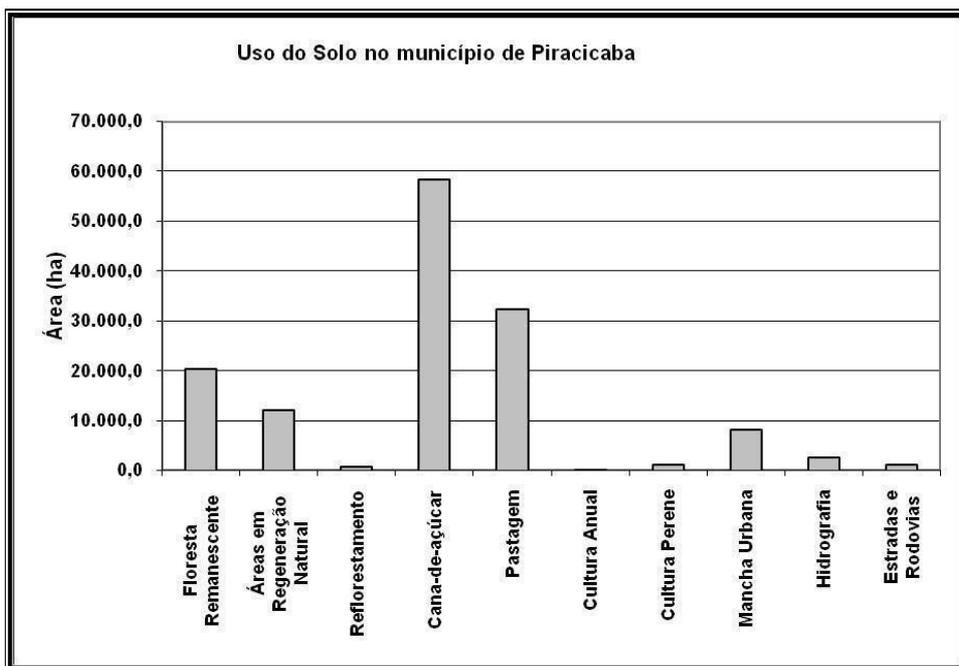


Figura 2 - Uso do solo no município de Piracicaba.
 Fonte: Irrigart, 2011

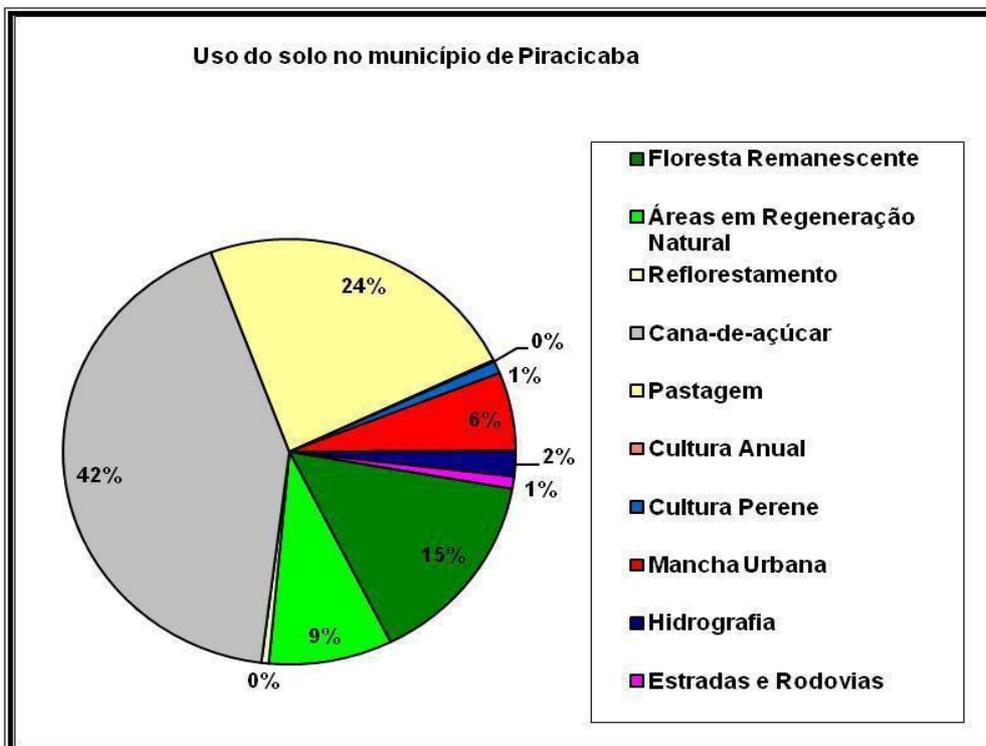


Figura 3 - Distribuição relativa do uso do solo no município de Piracicaba.
 Fonte: Irrigart, 2011

Como se nota nos gráficos, a ocupação predominante no município é a tradicional cultura da cana-de-açúcar, ocupando 42,38%. Em segundo lugar encontram-se as pastagens, ocupando 23,54% do município. A vegetação natural ocupa 14,85% da área total do município. As áreas em processo de regeneração natural (sem uso antrópico) estão presentes em 8,83%. A área urbana ocupa uma área equivalente a 5,97% do município (IRRIGART, 2011).

Para definirmos o bairro rural Santana (Figura 4) como recorte espacial, foi traçado um percurso em busca de informações, que alcançassem o objetivo da pesquisa.

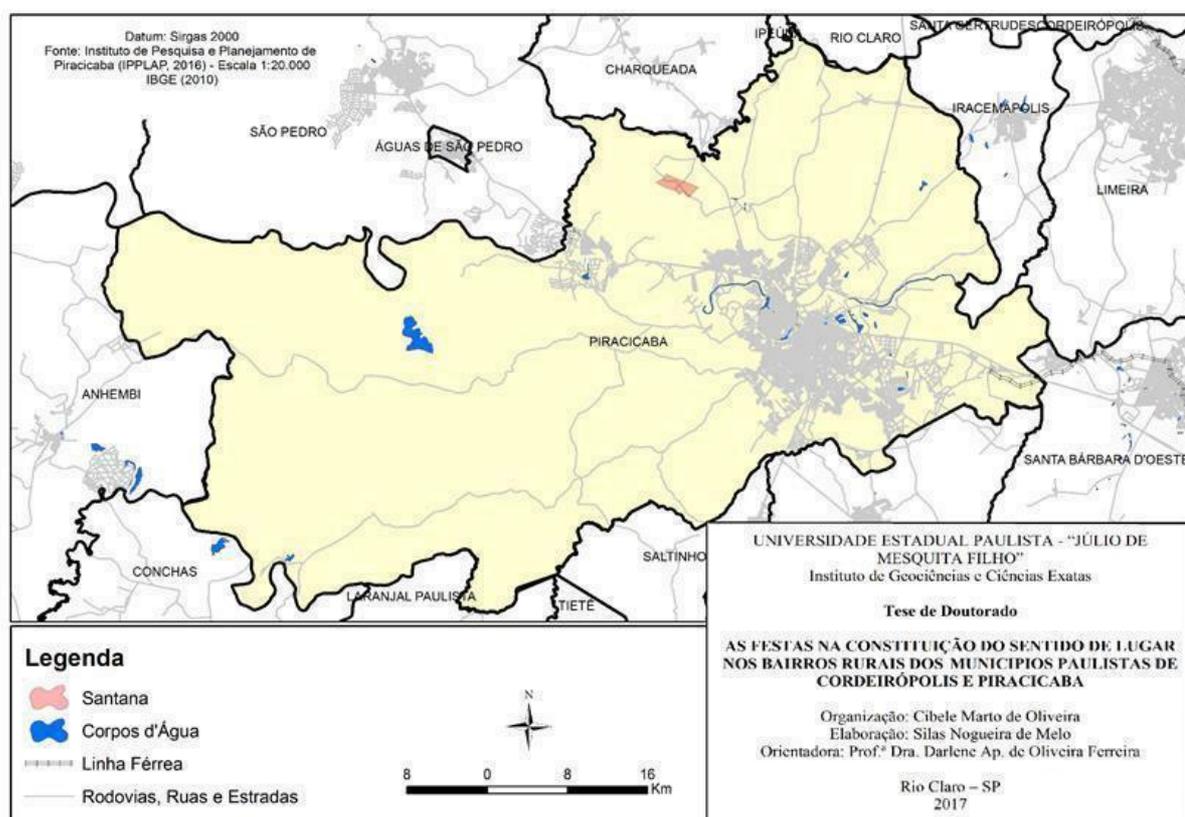


Figura 4 - Localização do bairro de Santana - Piracicaba - SP

Fonte: Oliveira, C. M., 2017

Piracicaba possui uma extensa área territorial organizada em seis distritos e duas zonas especiais de urbanização específica, que são Santana e Santa Olímpia (bairros rurais). (Mapa de Macrozona Rural de Piracicaba-SP do IPPALP, 2002).

Essas Zonas Especiais de Urbanização foram definidas por meio de decretos aprovados pela prefeitura para a preservação do patrimônio cultural.

O Decreto nº 10.997, de 29/12/2004, versou sobre o tombamento da Casa do Povoador, bem inscrito no Livro Tombo nº 91.

Para o tratamento e análise desta área, o Departamento de Patrimônio Histórico (DPH/Ipplap) apresentou como base de preservação três níveis de proteção, por meio de Ofício DPH/Ipplap 65, de 08 de outubro de 2004, sendo eles:

P1 – Imóvel a ser totalmente conservado ou restaurado, tanto interna como externamente, pelo excepcional valor histórico, arquitetônico, artístico ou cultural de toda a unidade;

P2 – Imóvel partícipe de conjunto arquitetônico, cujo interesse histórico está em ser parte do conjunto, devendo seu exterior ser totalmente conservado ou restaurado, mas podendo haver remanejamento interno, desde que sua volumetria e acabamentos não sejam afetados, de forma a manter-se intacta a possibilidade de aquilatar-se o perfil histórico urbano; P3 – Imóvel adjacente à edificação ou o conjunto arquitetônico de interesse histórico, podendo ser demolido, mas ficando a reedificação ou edificação sujeita a restrições capazes de impedir que a nova construção ou utilização descaracterize as articulações entre as relações espaciais e visuais envolvidas (IPPLAP, 2004).

Além dos tombamentos mencionados, também incidem sobre esta área outras restrições urbanísticas, por estar inserida em algumas zonas especiais delimitadas pelo Plano Diretor de Piracicaba, aprovado pela Lei Complementar nº 186, de 10 de outubro de 2006. Pelo Capítulo II – Das Zonas Especiais restritivas, verifica-se que:

Art. 57 – As Zonas Especiais compreendem áreas do território que exigem tratamento especial na definição de parâmetros reguladores do uso e ocupação do solo, diferenciando-se ao zoneamento e classificam-se em:

I – Zona Especial de Interesse Social (ZEIS);

II – Zona Especial de Interesse Ambiental (ZEIA);

III – Zona Especial de Interesse Histórico, Cultural e Arquitetônico;

IV – Zona Especial de Interesse da Paisagem Construída (ZEIPC);

V – Zona Especial de Interesse Institucional (ZEIT);

VI – Zona Especial de Interesse Industrial (ZEI);

VII – Zona Especial de Interesse Aeroportuária (ZEA);

VIII – Zona Especial de Interesse de Urbanização Específica (ZEUE). (Zonas de Zeladoria do Patrimônio Cultural – Piracicaba: IPPLAP, 2013)

Por meio desses decretos, os bairros de Santana e Santa Olímpia estão dentro desta classificação,

As características dos bairros Santa Olímpia e Santana são bastante singulares e representativas no que se refere aos

conceitos de patrimônio imaterial e material e paisagem cultural. Por esta razão, verifica-se que a intervenção do poder público nestes locais deva ser realizada por meio de propostas que visem à gestão ou zeladoria do patrimônio em seu aspecto integrado/combinado. (Zonas de Zeladoria do Patrimônio Cultural – Piracicaba: IPPLAP, 2013)

Antes de termos definido Santana como recorte espacial da pesquisa, percorremos um caminho de reconhecimento e busca por dados e informações.

Primeiramente, tínhamos a pretensão de analisar todos os distritos do município, porém por meio de conversas realizadas em alguns órgãos municipais, como a Secretaria Municipal de Agricultura e Abastecimento (SEMA) e o Serviço Municipal de Água e Esgoto (SEMAE), a área rural e produção agrícola do município se encontra distribuída por todos as regiões e distritos do município norte, sul, leste, oeste e centro. A distância do centro até determinados distritos pode chegar até 40 Km, sendo que os seis distritos estão localizados em diferentes regiões, dessa maneira, não seria possível analisar os seis distritos, devido a demora no deslocamento e a possível falta de produção agrícola, distanciando, assim, do tema que seria tratado na pesquisa.

Segundo a Secretaria Municipal de Agricultura e Abastecimento, os agricultores familiares que fornecem produtos para os varejões do município não estão localizados em apenas um ou dois distritos, e muitas vezes não residem nos mesmos, e sim em outros bairros rurais, que estão fora dos distritos, assim, por meio dessas informações, continuamos nossa busca pelo melhor recorte espacial.

Após essas constatações, pensamos em escolher dois distritos e estudá-los, mas novamente buscando informações, agora referentes à temática da pesquisa agricultura familiar e pluriatividade, recebemos informações, do órgão da prefeitura, Instituto de Pesquisa e Planejamento de Piracicaba (IPPLAP), sobre os bairros rurais, ou definido, a partir de 2006, como Zonas

Especiais de Urbanização Específica ¹, de Santana e Santa Olímpia, que poderiam alcançar as expectativas daquilo que estávamos buscando. Mediante

¹ Usarei ao longo do trabalho o termo bairro rural de Santana ou bairro de Santana devido às suas características históricas e culturais, que o representam.

alguns materiais recebidos, e conversas informais, novamente no SEMA e SEMAE, e posteriormente a análise da paisagem do local, definiu-se pelo local de estudo, em primeiro momento, pelos dois bairros Santana e Santa Olímpia.

Nos primeiros reconhecimentos feitos no espaço, imaginamos que seria possível aplicar os questionários e realizar os trabalhos de campo nos dois bairros.

Porém, ao longo do percurso, constatamos que não seria possível, devido ao tempo que tínhamos de pesquisa. Nós já havíamos iniciado pelo bairro de Santana, pois ele se encontra antes do bairro de Santa Olímpia, (quando se desloca do centro de Piracicaba) e a utilização do percurso até o bairro, com carro ou ônibus seria mais fácil, pois as vias são asfaltadas e andaríamos menor quilometragem.

Outra escolha pela definição desses bairros, foi pelo fato de terem algumas características peculiares, como estarem fora do perímetro urbano do município, dessa forma, serem considerados rurais, mas conterem aspectos de urbanização.

Dessa maneira, ficamos com o bairro de Santana, onde também outro critério foi levado em conta. Por meio dos levantamentos bibliográficos realizados sobre o recorte espacial, encontramos várias pesquisas de monografia, mestrado, doutorado, que foram realizadas no bairro de Santa Olímpia.

Sou nascida e moradora da cidade de Piracicaba – SP, e acredito que, um dos motivos, seja o índice populacional ser maior comparado à Santana, e também a festa Cultural de Santa Olímpia chamada Festa da Polenta, já estar na sua XXI (vigésima primeira edição) e a de Santana, sendo a Festa do Vinho, estar em sua X (décima edição).

Por meio destes critérios, definimos o bairro de Santana, podendo levar ao conhecimento de quem interessar, um pouco das características do bairro e de seus moradores.

1.4. Metodologia

Os procedimentos utilizados para o desenvolvimento desta pesquisa foram estabelecidos em três fases. A primeira, foi a construção de um corpo bibliográfico que desse suporte, teórico e documental, referente à temática

estudada, pluriatividade em um distrito rural, que se fundamentou na discussão e entendimento dos processos modernização da agricultura e constituição do novo rural, e dos referenciais espaciais, bairros rurais, paisagem e território. Tratou-se de evidenciar processos, conteúdos e formas espaciais.

Desenvolveram-se pesquisas documentais em fontes de dados secundárias como o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), a Coordenadoria de Assistência Técnica Integral (CATI), o Instituto de Pesquisas e Planejamento de Piracicaba (IPPLAP), Secretaria Municipal de Agricultura e Abastecimento (SEMA), Serviço Municipal de Água e Esgoto (SEMAE). Foi por meio das informações recebidas nesses órgãos que definimos o local de estudo.

Em uma segunda fase, foram realizadas as primeiras visitas ao bairro rural Santana, para um reconhecimento prévio, e compreendeu o registro de impressões em cadernos de campo, bem como a definição dos parâmetros de análise da pesquisa de campo, com a elaboração do questionário aplicado aos moradores, buscando um perfil demográfico, econômico e cultural da população, tratando assim, das características socioeconômicas dos moradores. Totalizando cinquenta e cinco aplicações de questionários e em torno de dez visitas realizadas ao bairro.

Na terceira, e última fase da pesquisa, foi concluída a aplicação dos questionários, e a análise do bairro rural de Santana, tentando identificar se o bairro apresentou as características sociais e econômicas vinculadas à agricultura/pecuária, confirmando nossa hipótese, por meio da organização dos resultados obtidos.

2. PROCESSO DE MODERNIZAÇÃO DA AGRICULTURA E AGRICULTURA FAMILIAR

O espaço geográfico é onde ocorrem as relações sociais, econômicas e políticas, que pode ser compreendido como um “espaço socialmente construído, portanto, territorializado. Ou seja, qualquer projeto no espaço que é expresso por uma representação revela a imagem desejada de um território, de um lugar, de relações, de expropriações e dominações” (HAESBAERT, 2005 apud RUA, 2005, p. 46). Assim o espaço onde as pessoas vivem se torna um território pelo fato de ter as características próprias construídas ao longo do tempo. Esse espaço pode ser considerado urbano ou rural dependendo dos usos e relações estabelecidas ao longo do tempo.

Com as mudanças nas duas últimas décadas, as características do espaço rural foram transformando-o, e com isso, as relações urbano-rural e cidade-campo.

Estas novas relações remetem para uma outra conceituação de urbano e rural, mas também agrícola. Rural torna-se cada vez mais, diferente de agrícola. Ao mesmo tempo, distingue-se cidade e urbano explicitando a crescente complexidade que marca tais relações. Rural e urbano integram-se, mas sem se tornarem a mesma coisa, já que preservam suas especificidades. (RUA, 2005, p.48)

Tais transformações deram início a um processo de modernização da agricultura, pautado em mudanças na base técnica da produção agropecuária e em um esforço de aumentar a produtividade da terra e do trabalho. Assim sendo, com o desenvolvimento e sedimentação do modo capitalista de produção na agricultura nacional, a mesma se transforma em um ramo de aplicação do capital em geral e, de modo particular, do capital industrial que lhe vende insumos e compra as matérias-primas aí produzidas (GRAZIANO, 1996).

Mediante as modificações ocorridas foi se observando a necessidade de melhorias no campo, introduzindo no mesmo “[...] ‘novos fatores’ que incluíam desde as sementes geneticamente melhoradas, que ficou conhecido como Revolução Verde, como os adubos e defensivos químicos, as máquinas e equipamentos, até a educação formal, nos moldes urbanos”. (SHULTZ, 1965 apud GRAZIANO, 1997, p. 2).

O processo de modernização da agricultura pode ser explicado de diversas maneiras, iniciando com o termo modernização, que designa o processo de transformações na base técnica da produção agropecuária no pós-guerra a partir das importações de tratores e fertilizantes num esforço de aumentar a produtividade da terra e do trabalho na agricultura brasileira. Assim sendo, como o desenvolvimento e sedimentação do modo capitalista de produção na agricultura nacional, esta se transforma em um ramo de aplicação do capital em geral e, de modo particular, do capital industrial que lhe vende insumos e compra as mercadorias aí produzidas (GRAZIANO, 1996).

O desdobramento da modernização da agricultura fez com que as características do campo fossem redefinidas, principalmente alterando a separação rígida entre o rural e o urbano, pois na atualidade nas regiões brasileiras (sul, sudeste, centro-oeste) que vivenciaram de forma mais generalizada esse processo, considera-se que os mesmos podem ser entendidos como um continuum, uma vez que a base econômica e a espacial se misturam, assim “[...] as cidades não podem mais ser identificadas apenas com a atividade industrial, nem os campos com a agricultura e a pecuária” (GRAZIANO, 1997, p.1).

As transformações ocorridas nos pós-guerra são descritas por Denise Elias (2003) em três momentos. O primeiro momento, a partir da década de 1950, com a mudança da base técnica, utilizando insumos artificiais e inovações químicas e mecânicas importados e a primeira grande indústria de bens de produção para a agropecuária será instalada em 1959 (ELIAS, 2003).

No segundo momento, em meados de 1960, ocorre uma ampla implantação de indústrias dos ramos à montante da agropecuária, fornecedores de insumos modernos, e à jusante, transformadores dos produtos agropecuários (ELIAS, 2003).

Neste segundo momento, passa a ocorrer o desenvolvimento dos Complexos Agroindustriais (CAIs), que surgem a partir da crise do complexo rural, que segundo Graziano, ocorre da seguinte maneira:

[...] A crise do complexo rural e o surgimento do novo complexo cafeeiro paulista – simultâneo ao processo de substituição de importações – significou o desenvolvimento do mercado de trabalho e a constituição do mercado interno. Foi um longo processo que ganhou impulso a partir de 1850, acelerou-se após a grande crise de 1929 com a orientação clara da economia no sentido da industrialização e se consolidou nos

anos 50 com a internalização do setor industrial produtor de bens de capital e insumos básicos (D1). A partir daí completa-se o processo geral de industrialização e se inicia o processo específico de industrialização da agricultura, qual seja, o de montagem do D1 agrícola e do proletariado rural, que responderão pelo fornecimento de capital e força de trabalho, respectivamente, para a nova dinâmica da acumulação de capital no campo. O novo centro dinâmico da economia – a indústria e a vida urbana – impõe suas demandas ao setor agrícola e passa a condicionar suas transformações, que vão conduzindo ao domínio dos complexos agroindustriais. (GRAZIANO,1996, p.5)

E o terceiro momento, é caracterizado pela reestruturação produtiva da agropecuária brasileira, pela centralização dos capitais industriais, expansão de cooperativas agrícolas, sociedades anônimas, ocorrendo a organização de *holdings*, *cartéis*, *trustes*, com atuação direta nos CAIs (ELIAS, 2003). É a partir desse período que os CAIs se sedimentam com a integração técnica intersetorial entre as indústrias que produzem para a agricultura, sendo possível essa integração, havendo uma internalização da produção de máquinas e insumos para a agricultura. E sua integração se dá pelo capital financeiro basicamente através do Sistema Nacional de Crédito Rural (SNCR) e das políticas de agroindustrialização específicas, instituídas a partir dos chamados fundos de financiamento. (GRAZIANO,1996)

Porém, essas mudanças não ocorreram em um todo. O rural não está inserido por completo, nesse contexto, conforme aponta Carneiro (1998),

[...] é importante considerar que o “campo” não está passando por um processo único de transformação em toda a sua extensão. Se as medidas modernizadoras sobre a agricultura foram moldadas no padrão de produção (e de vida) urbano-industrial, seus efeitos sobre a população local e a maneira como esta reage a tais injunções não são, de modo algum, uniformes, assim como tais medidas não atingem com a mesma intensidade e proporções as diferentes categorias de produtores. Nesse sentido não se pode falar de ruralidade em geral; ela se expressa de formas diferentes em universos culturais, sociais e econômicos heterogêneos. (CARNEIRO, 1998, p.53)

As mudanças que ocorreram nas áreas rurais com os moradores das mesmas não os descaracterizaram por haver troca com o meio urbano, eles foram encontrando maneiras de sobrevivência e também essas

transformações no modo de vida, “ocorrem de maneira irregular, com graus e conteúdos diversificados, segundo os interesses e a posição social dos atores, mas isso não implica uma ruptura decisiva no tempo nem no conjunto do sistema social” (CARNEIRO, 1998, p.58).

Nesses termos, não podemos entender a ruralidade hoje somente a partir da penetração dos mundos urbano-industrial no que era definido tradicionalmente como “rural”, mas também do consumo pela sociedade urbano-industrial, de bens simbólicos e materiais (a natureza como valor e os produtos “naturais”, por exemplo) e de práticas culturais que são reconhecidos como sendo próprios do chamado mundo rural. Nesse sentido, importa mais do que tentarmos redefinir as fronteiras entre o “rural” e o “urbano”, ou simplesmente ignorar as diferenças culturais contidas nessas representações sociais, buscar, a partir do ponto de vista dos agentes sociais, os significados das práticas sociais que operacionalizam essa interação e que proliferam tanto no campo como nos grandes centros urbanos, tais como a pluriatividade, os neo-rurais, a cultura country etc. (CARNEIRO, 1998, p.59 e 60)

E mediante às mudanças que vieram ocorrendo de diferentes maneiras, com aspectos diversos, é possível analisar as mudanças na agricultura conhecida como o novo rural e a pluriatividade.

2.1. Abordagens teóricas acerca do novo rural e da pluriatividade

O “Novo Rural” é resultado das transformações ocorridas no campo como consequência da modernização da agricultura brasileira. Tal fato desenvolveu outras perspectivas de ocupações, não especificamente vinculadas às atividades agropecuárias, para os agricultores, os quais buscam nestas ocupações de trabalho outra fonte de obtenção de renda. O processo de modernização da agricultura brasileira, que se desenvolveu respaldado pelo fundo público, não teve a preocupação em reestruturar e incorporar os pequenos produtores familiares ao novo padrão moderno de produzir. Podemos assim analisar que os pequenos produtores acabaram sendo prejudicados, pois não tinham recursos para ampliar e inovar suas atividades na agricultura, ocorrendo assim um êxodo rural, e os que ficaram no campo trabalham para sua sobrevivência e buscam novas alternativas de renda como, por exemplo, as ocupações rurais não agrícolas.

O aparecimento mais intensivo de famílias não agrícolas que residem no campo, que tem sua renda na aposentadoria e em outras funções não vinculadas diretamente as atividades agrícolas, que são denominadas atividades pluriativas, que advêm de pluriatividade, nas palavras de FULLER, “é uma unidade produtiva multidimensional, em que se empreendem atividades agrícolas dentro e fora do estabelecimento e pelas quais diferentes tipos de remuneração são recebidos”. (FULLER, 1990)

As quais podem ser o turismo, a fabricação de produtos artesanais, a renda de um trabalhador da família não empregado no campo e outras atividades que não são totalmente vinculadas às atividades agropecuárias.

Dessa maneira, surgem não só novas atividades agrícolas no espaço rural, mas principalmente atividades não agrícolas, que acabam absorvendo a mão de obra excedente da agricultura modernizada.

Neste contexto, foram criadas ou transformadas antigas atividades presentes no espaço rural em novos serviços, passando a integrar a cadeia produtiva desses agricultores, surgindo a pluriatividade, que pode ser entendida como diversos serviços feitos por famílias que residem no meio rural e não ficam restritos apenas ao trabalho agrícola, procurando outros meios de obtenção de renda.

O autor Sergio Schneider explica como ocorre essa pluriatividade,

[...] o processo de industrialização leva ao aparecimento de espaços que não são tipicamente rurais e tampouco urbanos, este novo espaço pode ser designado como periurbano exatamente porque representa uma situação intermediária ao rural e ao urbano e, sobretudo, porque nele parece emergir um tipo próprio e característico de relação de trabalho que se baseia na pluriatividade das famílias dos trabalhadores. A pluriatividade ocorre através das múltiplas formas de trabalho, sobretudo com a combinação das atividades agrícolas com os empregos fora da propriedade rural. (SCHNEIDER,1999, p.169)

Estas transformações redundaram no surgimento, primeiramente, nos países desenvolvidos, do que se designa, hoje, por novo rural. Com a industrialização do campo, e sua mecanização, as pessoas passam a ter mais tempo para desenvolver outras atividades, ou seja, a liberação da força de trabalho, pela introdução da máquina, proporcionou tempo livre para membros da família dos produtores rurais desenvolverem outras atividades, tal fato, nos

países de capitalismo desenvolvido, é denominado de *part-time farmer*, que são os agricultores em tempo parcial, conforme a definição de Graziano:

[...] não é mais somente um agricultor ou um pecuarista: ele combina atividades agropecuárias com outras atividades não-agrícolas, dentro ou fora de seu estabelecimento, tanto nos ramos tradicionais urbano industriais, como nas novas atividades que vêm se desenvolvendo no meio rural, como lazer, turismo, conservação da natureza, moradia e prestação de serviços pessoais. (GRAZIANO, 1997, p.4)

Essa é a sua característica nova: uma pluriatividade que combina atividades agrícolas e não agrícolas. Dessa maneira, podemos entender que o novo rural teve início nos países desenvolvidos, tendo em vista que as transformações na base técnica produtiva nesses países ocorrem antes que nos países subdesenvolvidos.

Neste contexto, o novo rural com suas novas atividades passa a atingir os países subdesenvolvidos, como o Brasil, mediante as mudanças iniciadas com a modernização da agricultura nas décadas de 1950/60.

Contudo, a presença destas atividades não agrícolas no espaço rural brasileiro, é fruto de um processo mais recente (1980/90), pois o surgimento destas e atividades vincula-se tanto à busca dos produtores rurais em desenvolver novas maneiras de obtenção de renda, bem como a presença de um mercado de trabalho não agrícola no espaço rural que possibilite a população rural exercer outras atividade. Dessa maneira o novo rural brasileiro com as atividades não agrícolas pode ser caracterizado, segundo o autor José Graziano da Silva (1997, p.12),

[...] Em primeiro lugar, aquelas relacionadas com a proliferação de indústrias, em particular das agroindústrias, no meio rural. Em segundo lugar vem aquelas atividades relacionadas à crescente urbanização do meio rural (como moradia, turismo, lazer e outros serviços) e a preservação do meio ambiente. Finalmente, em terceiro lugar, mas não menos importante nesta rápida caracterização das atividades não-agrícolas que vem se desenvolvendo no nosso meio rural, é preciso destacar a proliferação dos sítios de recreio, ou simplesmente chácaras, como são chamadas no interior do estado de São Paulo. São pequenas áreas de terra destinadas ao lazer de famílias de classe média urbana, geralmente inferiores a 2 hectares, localizadas nas periferias dos grandes centros urbanos, na orla marítima ainda não densamente povoada ou em áreas próximas a rios, lagos, represas ou reservas florestais, e com fácil acesso através das principais rodovias asfaltadas do país.

Torna-se importante salientar que as transformações que vêm ocorrendo no espaço rural deram-se, principalmente, por causa da queda da rentabilidade agrícola verificada na década de 1980, na qual se vincula a “[...] três elementos fundamentais: a queda dos preços dos produtos agropecuários; a elevação dos custos do trabalho e do crédito rural; e à redução do ritmo de inovação no setor agropecuário” (GRAZIANO, J. da S. da; DEL GROSSI, M. E., 2001, p. 1). Os proprietários sem condições em investir em suas produções, acabam perdendo espaço no setor agropecuário, e aqueles que não desistem do campo, buscam novas atividades para obtenção de renda, tornando-se um agricultor pluriativo, o qual busca desenvolver, dentro ou fora da sua propriedade, outras atividades agrícolas ou não agrícolas.

Os autores Mingione & Pugliese (apud GRAZIANO, 1997, p.5) configuram a pluriatividade de duas formas básicas, a saber:

a) através de um mercado de trabalho relativamente indiferenciado, que combina desde a prestação de serviços manuais até o emprego temporário nas indústrias tradicionais (agroindústrias, têxtil, vidro, bebidas, etc.);

b) através da combinação de atividades tipicamente urbanas do setor terciário com o “*management*” das atividades agropecuárias.

Assim, podemos compreender que a pluriatividade pode ser explicada como mais de uma atividade exercida no espaço rural, mais especificamente dentro de uma propriedade, onde o produtor ou membro da família desenvolve outras atividades, complementando a renda familiar, e essas atividades são desenvolvidas tanto no espaço rural quanto no urbano, ocorrendo essa ligação entre um e outro. Conforme o estudo realizado por Antonello (2009, p.11), nessa situação, observa-se que o grupo familiar que reside na propriedade rural utiliza-se da “[...] flexibilização numérica que se refere à possibilidade de disponibilizar da mão de obra em função da demanda da produção, entra em cena o contrato temporário de trabalho. Além da questão da liberação de membros ativos da família para atividades em tempo parcial (ANTONELLO, 2009, p.11).

Assim, observamos que os produtores rurais, particularmente, os pequenos, necessitam se adequar à nova realidade presente no espaço rural, pois tais mudanças promovem a possibilidade de alternativas de obtenção de renda para a manutenção da família neste espaço. Nessa direção caminha a constatação de Graziano e Del Grossi ao colocarem que:

[...] o que seguiu gente no campo brasileiro não foram às atividades agropecuárias “strictu sensu”, mas sim as ocupações não-agrícolas: cerca de um milhão de pessoas residentes em áreas rurais encontraram em ocupações diversas das atividades agrícolas, novos postos de trabalho entre 1981 e 1997 no país (2001, p.2).

Surtem famílias que aderiram à modernização do campo com sementes modificadas, insumos e fertilizantes que disponibilizam maior tempo livre para o exercício de outras atividades realizadas no campo ou não, que são denominadas estas atividades pluriativas, que estão cada vez mais ascendentes, Schneider coloca que,

[...] Serão cada vez mais numerosas as propriedades de agricultores em que algum membro da família estará empregado em uma atividade não tipicamente agrícola ou dedicará algum tempo a atividades não agrícolas como o turismo rural, artesanato, prestação de serviços, etc. (SCHNEIDER, 2003, p. 81)

Nesse sentido buscamos salientar a existência de um novo reordenamento das atividades exercidas no campo, agrícolas e não agrícolas. Nesse sentido a pluriatividade exerce papel destacável na nova organização do espaço agrário brasileiro.

A pluriatividade é identificada pela maioria dos autores como atividade complementar a renda seja ela realizada no campo ou fora dele, SCHNEIDER (1999).

[...] No espaço rural existem atividades rurais e agrícolas, o que significa o espaço da produção agrícola de subsistência e o local de moradia dos membros das famílias rurais que trabalhavam em atividades não agrícolas. (SCHNEIDER, 1999, p. 171)

Num outro momento SCHNEIDER (2003) coloca que um exemplo da mudança estrutural na agricultura poderia ser a emergência de famílias pluriativas.

[...] Talvez o exemplo emblemático dessa mudança estrutural seja a emergência e a expansão das unidades familiares pluriativas, pois não raramente uma parte dos membros das famílias residentes no meio rural passa a se dedicar a atividades não agrícolas, praticadas dentro ou fora das propriedades. Essa forma de organização do trabalho familiar vem sendo denominada pluriatividade e refere-se a situações sociais em que os indivíduos que compõem uma família com domicílio rural passam a se dedicar ao exercício de um conjunto variado de atividades econômicas e produtivas, não necessariamente ligadas à agricultura ou ao cultivo da terra, e

cada vez menos executadas dentro da unidade de produção.
(SCHNEIDER, 2003, p. 100)

Baseado nessas constatações dos moradores que permaneceram no campo, e dentro do contexto de um município urbanizado, é que analisamos nosso recorte espacial.

3. O MUNICÍPIO DE PIRACICABA-SP

Neste capítulo, a finalidade é a descrição do município estudado, para levar-nos ao recorte espacial dentro do município, que é o bairro rural de Santana.

Em 1766, o Capitão-General de São Paulo, D. Luís Antônio de Souza Botelho Mourão, encarregou o Capitão Antônio Corrêa Barbosa de fundar uma povoação na foz do rio Piracicaba. Este, no entanto, optou pelo local habitado pelos índios Paiaguás, onde já se haviam fixado alguns posseiros, à margem direita do salto, a 90 quilômetros da foz, entendendo ser o lugar mais apropriado da região. (Fonte: IPPLAP – Instituto de Pesquisa e Planejamento de Piracicaba, 2017).

A povoação seria ponto de apoio às embarcações que desciam o rio Tietê, oferecendo retaguarda ao abastecimento do forte de Iguatemi, fronteiro do território do Paraguai. Oficialmente, o povoado de Piracicaba, termo da Vila de Itu, foi fundado em 1º de agosto de 1767, sob a invocação de Nossa Senhora dos Prazeres. Em 1774, a povoação constituiu-se em Freguesia, com uma população estimada em 230 habitantes. (Fonte: IPPLAP – Instituto de Pesquisa e Planejamento de Piracicaba, 2017).

Em 1784, Piracicaba foi transferida para a margem esquerda do rio, logo abaixo do salto, onde os terrenos melhores favoreciam sua expansão. A fertilidade da terra atraiu muitos fazendeiros, ocasionando a disputa de terras. Em 29 de novembro de 1821, foi elevada à categoria de Vila, tomando o nome de Vila Nova da Constituição, em homenagem à promulgação da Constituição Portuguesa, ocorrida naquele ano. (Fonte: IPPLAP – Instituto de Pesquisa e Planejamento de Piracicaba, 2017).

A partir de 1836, deu-se um importante período de expansão. Não havia lote de terra desocupado e predominavam as pequenas propriedades. Além da cultura do café, os campos eram cobertos pelas plantações de arroz, feijão, milho, algodão e fumo, mais pastagens para criação de gado. Piracicaba era um respeitado centro abastecedor. Em 24 de abril de 1856, Vila Nova da Constituição foi elevada à categoria de Cidade. Em 1877, por petição do então vereador Prudente de Moraes, mais tarde primeiro presidente civil do Brasil, o nome da cidade foi oficialmente mudado para Piracicaba, “o mais certo, o

correto e como era conhecida popularmente”. (Fonte: IPPLAP – Instituto de Pesquisa e Planejamento de Piracicaba, 2017).

Sua área territorial é 1.376,91 Km², sendo o 19º Município do Estado em Extensão, segundo dados do Censo do IBGE 2010. Sua área urbana é 229,66 Km² e sua área rural é 1.147,25 Km². O relevo é uma topografia pouco acidentada e o clima é tropical de altitude. (Fonte: IPPLAP – Instituto de Pesquisa e Planejamento de Piracicaba, 2017)

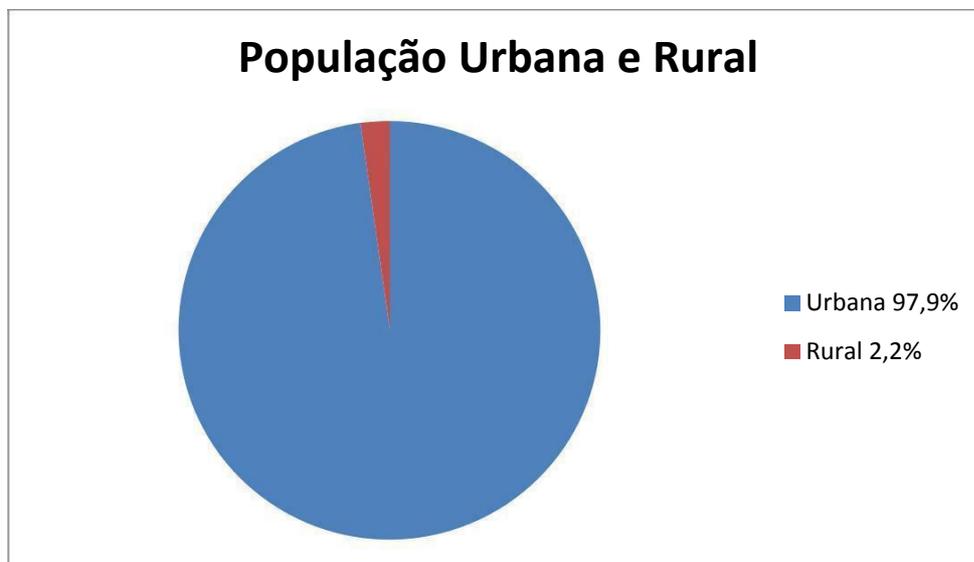
O município, que está a 152 km da capital do Estado de São Paulo, integra a região administrativa de Campinas e é servido pelas Rodovias SP 127, SP 147, SP304 e SP 308. Faz divisa com os municípios de Rio Claro, Limeira, Santa Bárbara D’Oeste, Laranjal Paulista, Iracemápolis, Anhembi, São Pedro, Charqueada, Rio das Pedras, Tietê, Capivari, Conchas, Santa Maria da Serra, Ipeúna e Saltinho. (Fonte: IPPLAP – Instituto de Pesquisa e Planejamento de Piracicaba, 2017).

Segundo o censo de 2010, tem uma população de 364.571 habitantes. Ganhou o status de município no dia 10 de agosto de 1822, e atualmente é composto por 6 distritos - Anhumas, Artemis, Guamium, Ibitiruna, Santa Terezinha e Tupi, também se encontram as zonas especiais de urbanização específica de Santana e Santa Olímpia (bairros rurais). (Mapa de Macrozona Rural de Piracicaba-SP do IPPALP,2002).

O município, tendo uma vasta área territorial, e com predominância na monocultura da cana de açúcar, segundo dados do IBGE 2010, a população rural não é muito expressiva.

Apresenta 97.8% de domicílios com esgotamento sanitário adequado, 94.6% de domicílios urbanos em vias públicas com arborização e 44.2% de domicílios urbanos em vias públicas com urbanização adequada (presença de bueiro, calçada, pavimentação e meio-fio). (IBGE, 2010)

Gráfico 1- População Urbana e Rural do município de Piracicaba-SP



Fonte: IBGE, 2010

A tabela a seguir mostra os tipos de cultura do município de Piracicaba – SP, caracterizando as quantidades e os tipos de culturas.

Tabela 1- Agricultura do município de Piracicaba-SP

CULTURA	(em hectare)				
	N. DE UPAs	MÍNIMO	MÉDIA	MÁXIMO	TOTAL
Cana-de-açúcar	1.530	0,1	35,7	1.260,0	54.685,4
Braquiária	1.177	0,1	30,1	2.185,7	35.483,9
Laranja	67	0,1	32,3	360,0	2.162,1
Eucalipto	231	0,1	7,8	302,0	1.812,1
Gramas	144	0,4	11,4	180,0	1.640,0
Outras gramíneas para pastagem	80	0,2	17,0	250,2	1.357,0
Milho	126	0,2	8,0	140,0	1.004,5
Capim-jaraguá	22	0,5	19,1	150,0	420,9
Capim-napier (ou capim-elefante)	82	0,1	4,2	120,4	342,1
Feijão	8	0,5	16,0	96,8	128,0
Colonião	6	4,8	20,4	40,0	122,3
Pomar doméstico	95	0,1	0,8	19,0	76,4
Outras olerícolas	43	0,1	1,6	9,2	69,8
Sorgo-vassoura	17	0,7	3,3	16,8	56,0
Trigo	8	0,3	6,9	14,7	54,8
Arroz	17	0,6	2,8	9,6	48,1
Mandioca	15	0,2	3,0	30,0	44,4
Sorgo	8	0,4	5,5	14,0	43,8
Alface	31	0,1	1,4	10,0	42,3
Banana	12	0,3	3,0	14,0	35,5
Capim-gordura	2	5,0	12,8	20,5	25,5
Abóbora (ou jerimum)	14	0,2	1,4	5,0	19,8
Setária	1	19,0	19,0	19,0	19,0
Manga	13	0,2	1,5	10,0	18,9
Limão	8	0,2	2,1	11,0	17,1
Brócolos (ou brócolis)	13	0,1	1,0	4,0	12,6
Cacau	1	12,1	12,1	12,1	12,1
Triticale	1	11,4	11,4	11,4	11,4
Café	5	0,7	2,2	5,0	11,1
Chuchu	1	11,0	11,0	11,0	11,0

Fonte: Secretaria de Agricultura e Abastecimento, CAT/IEA, Projeto LUPA

Fonte: CATI/LUPA, 2007

Novamente mediante a análise da tabela de agricultura, observa-se a cana-de-açúcar ocupando a maior área e maior produção, sendo essa uma das características predominantes no bairro estudado, onde o cultivo desse produto está diretamente relacionado com o local e os moradores.

Um fato contraditório, que pode ser analisado na tabela da agricultura do município, comparado ao bairro estudado, é a ausência do cultivo de uva. O bairro de Santana é tradicionalmente conhecido pela Festa do Vinho, realizada todos os anos, que remete às origens dos imigrantes italianos com a fabricação do vinho, porém, no município, o cultivo dessa fruta, é pouco expressivo, devido principalmente ao clima da região. Dessa maneira, por meio de conversas e da aplicação do questionário com os moradores, concluímos que os responsáveis pela fabricação do vinho, compram a uva da Região Sul do país, para fabricação do vinho, os mesmos têm tentando à algum tempo o cultivo da uva, porém sem obtenção de muito sucesso, o suficiente suprir a demanda da produção do vinho.

3.1 Abordagem teórica sobre bairros rurais

Atualmente, os bairros são identificados no interior das cidades, porém os primeiros bairros existentes, foram os bairros rurais, aglomerações populacionais no interior de grandes fazendas. (FERNANDES, 1971)

Muitos estudiosos se debruçaram no conhecimento sobre os bairros rurais. A autora Lílíana Laganá Fernandes (1971) coloca que “a expressão “Bairro Rural” foi largamente difundida na zona rural do Estado de São Paulo. Essa expressão indica determinada área, de limites imprecisos, que são definidos pela população local a partir de suas relações sociais e da identidade de grupos”. (FERNANDES, 1971, p.7).

Assim, podemos compreender que dentro do rural paulista foram surgindo os bairros rurais, que eram habitados por pessoas de famílias que tivessem características comuns, como a descendência, religiosidade, parentesco, cultura... A partir dessas aglomerações de casas começam a surgir armazéns, capelas e escolas caracterizando um núcleo de bairros.

Os bairros rurais surgem como resultado da efetiva produção do espaço local, o trabalho nele exercido e a transformação cotidiana do meio natural e continuidade de vida. O trabalho com a lavoura, à busca de melhores condições de sobrevivência, a manutenção da propriedade através da herança e compra de mais terras, também se constituem em elementos, motivadores para o deslocamento”. (SOUZA; HESPANHOL, 2010, p.177)

Mediante esses aspectos, é possível analisar que as formações dos bairros rurais e suas especificidades, tem em sua origem, uma formação sócio cultural. (SOUZA; HESPANHOL, 2010)

[...] a descrição de bairros rurais constituídos de caipiras, cujo nível de vida é próximo ao mínimo necessário para garantir a sobrevivência. As casas eram ranchos rústicos, a alimentação, baseada nos produtos cultivados pela família, e as roupas e os utensílios, fabricados na propriedade ou adquiridos mediante trocas entre os vizinhos. (MOREIRA, 2012, p. 227)

A formação dos bairros rurais e suas especificidades segundo SOUZA, 2010, p.174 “ se devem, principalmente, a origem e a formação sócio cultural dos grupos que efetuaram a ocupação dessas novas terras”

Para caracterizar um bairro rural é necessário compreender como foi sua formação e como eles estão inseridos naquele contexto

A comunidade rural é uma forma de agrupamento social, que organiza, segundo modalidades historicamente determinadas, um conjunto de famílias fixadas no solo. Estes grupos elementares possuem, por um lado, bens coletivos e indivisos, e por outro, bens privados, conforme relações variáveis mas, sempre, historicamente determinadas. Encontra-se ligados por disciplinas coletivas e designam – tanto tempo, quanto a comunidade guarda uma vida própria – mandatários responsáveis para dirigir a realização dessas tarefas de interesse geral” (LEVEBVRE, 1986 apud SOUZA; HESPANHOL, 2010, p. 176)

Outro estudioso dos bairros rurais Antônio Candido (1964) afirma que tais organizações fazem a intermediação entre indivíduo/família e a cidade. Trata-se de um grupo de vizinhança, importante para a sociabilidade caipira, agrupando famílias de nível social semelhante e com o mesmo sentimento de localidade que convivem em práticas de auxílio mútuo e atividades lúdico religiosas.

Além da representação caipira o bairro rural no final do século XIX, incorpora novos elementos socioculturais à paisagem rural paulista a partir da imigração europeia, pessoas estas que com o tempo passou a residir e constituir colônias nesses bairros (QUEIROZ, 1973).

Por meio dessas características da formação do bairro rural, como o modo de vida, a familiaridade, as características comuns e as relações sociais é que se analisou o Bairro Rural de Santana.

3.2 Características da área de pesquisa - Bairro Rural de Santana, Piracicaba-SP

O Bairro rural de Santana dista aproximadamente 20 km do centro da cidade de Piracicaba, com via pavimentada e de fácil acesso; em automóvel é possível chegar em 20 minutos, em ônibus coletivo leva-se, aproximadamente, uma hora, com uma frequência de viagens de hora em hora. Localizado a noroeste do município de Piracicaba-SP, o bairro é tradicionalmente conhecido pela cultura tirolesa, sendo que a família que constituiu o bairro emigrou da região de trentina do Tirol, antigo Império Austro-Húngaro, atual província da Itália.

3.2.1 História das regiões do trentino

Dividida em sete Estados após o congresso de Viena (1815), consequência da derrota de Napoleão, a Itália começou o seu processo de reunificação que demandaria 50 anos de ásperas lutas. Os protagonistas desta batalha pela unificação foram Giuseppe Mazzini e Giuseppe Garibaldi. O processo de unificação somente estaria concluído com a Primeira Guerra mundial que garantiu à Itália a anexação das regiões do Trentino e de Friuli e da cidade de Trieste, para livrar-se definitivamente da pressão exercida sobre suas fronteiras norte-orientais, pelo império Austro-Húngaro, a Itália teve, porém que pagar um alto preço, perda de muitas vidas e uma situação econômica desastrosa. O país ficou enfraquecido e com crises nas áreas financeira e agrária. Diante de tantos problemas parte da população migrou para o Brasil e também para outros países. (SILVA, S. P. N., 2010)

Podemos observar no mapa a localização da região descrita (Figura 5), onde a região em parte se encontra no território Italiano e em parte no território austríaco, conforme o mapa elaborado por Sueli Pereira Nunes Silva, 2010.

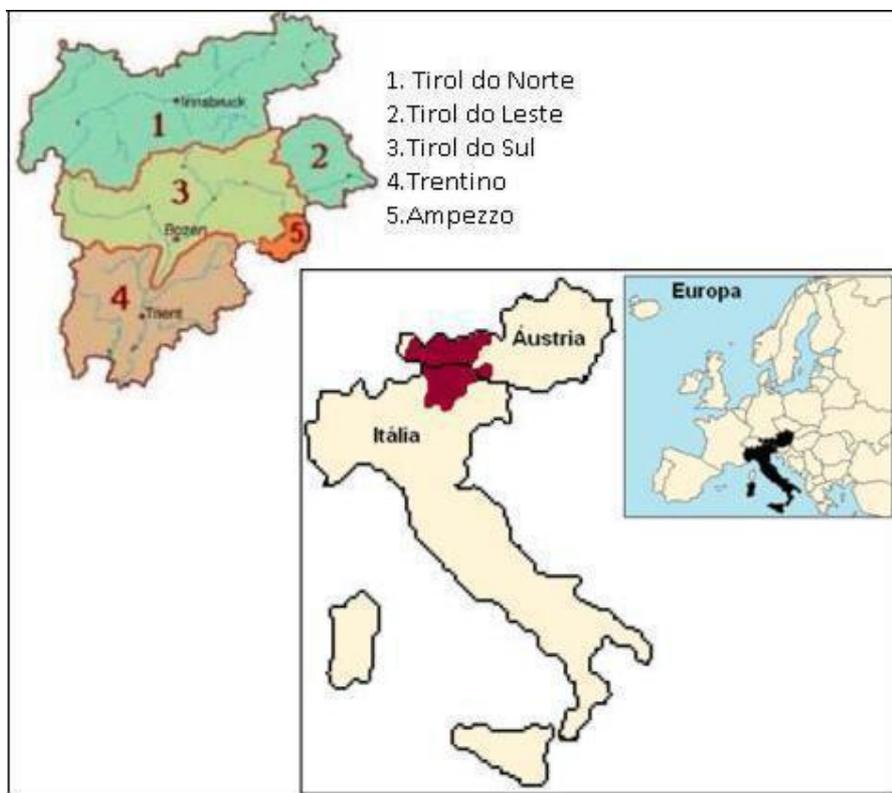


Figura 5 - Localização da região do Trentino na Itália

Fonte: Sueli Pereira Nunes Silva e tirolese.com.br/2016/04/24/revista-blumenau-em-cadernos

Em 1877, um grupo de tirolezes – provenientes das aldeias de Meano, Vigo Meano, Cortesano, Romagnano, Sardagna, Trento e arredores – imigra para o Brasil em busca de paz e principalmente de melhores condições de vida. Eram em sua maioria camponeses. Neste grupo estavam as famílias Vitti, Cristofolletti, Forti, Correr, Stenico, Brunelli, Pompermayer e Degasperi, chegaram a bordo do navio Nord América, de bandeira italiana.

O grupo era constituído por aproximadamente trinta famílias, muitas aparentadas entre si e imigraram para o Brasil com recursos próprios e aconselhadas pelos frades capuchinhos trentinos. Em dezembro de 1881, com o navio Frankfurt, de bandeira alemã, chegaram outras famílias – Correr, Forti, Degasperi, Brunelli, Zotelli, Defant, entre outras – à Fazenda Sete Quedas, nas terras de Joaquim Bonifácio do Amaral – barão e visconde de Indaiatuba- na cidade de Campinas (interior do estado de São Paulo). Os recém-chegados executaram suas tarefas ao lado dos trabalhadores alemães (Holstein) que iniciaram os suas atividades ao lado dos escravos. Muitas famílias eram aparentadas e foi ali que ocorreram os primeiros casamentos e nasceram os primeiros filhos ítalo-brasileiros. (SILVA, S. P. N., 2010)

3.2.2 Descrição do bairro de Santana

Ao sair do centro de Piracicaba e se deslocar em direção ao Bairro Rural de Santana, o tráfego de veículos é intenso, sendo que para se chegar ao Bairro referido o trajeto é o mesmo que para o distrito de Santa Terezinha, atualmente o maior distrito de Piracicaba. O distrito, criado pela lei estadual 8.092, de 28 de fevereiro de 1964, conta, de acordo com o Censo 2010, do IBGE, com 49.298 habitantes, são 24.560 homens e 24. 738 mulheres, que ocupam 15.295 domicílios particulares, sendo assim, o fluxo é intenso no caminho, constituído pela rodovia Luís de Queiroz que liga Piracicaba à Águas de São Pedro, e posteriormente pela rodovia Hermínio Peltrim que liga Piracicaba à Charqueada, deslocando-se cerca de 9 km nessa rodovia no km 182 acessamos o bairro, onde possui uma placa de acesso (Figura 7).

Na Figura 6 está sendo representado o trajeto realizado do centro de Piracicaba, até o bairro rural de Santana.

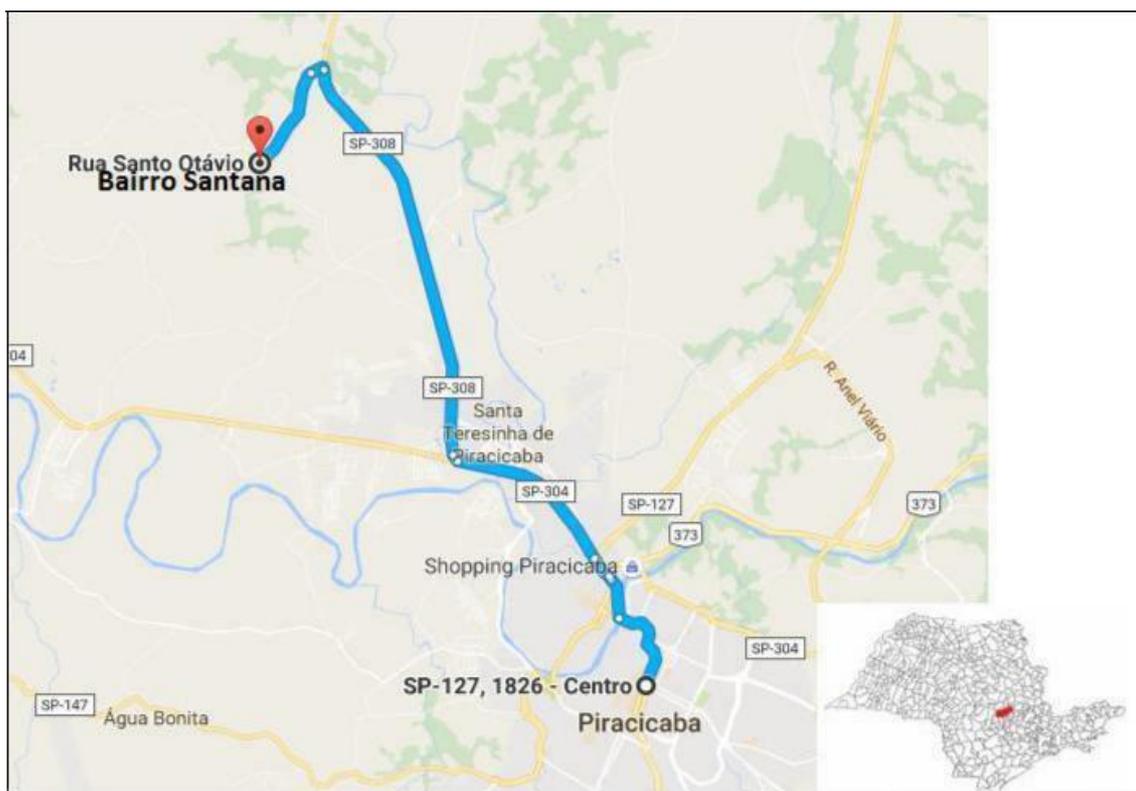


Figura 6 – Trajeto Centro de Piracicaba – Bairro Rural de Santana
Fonte: Google Maps, 2016

É possível observar a fronteira entre a cidade e o campo devido à paisagem de ambos os lados ser preenchida pelo cultivo da cana-de-açúcar. Além disso, observam-se indústrias, fábricas e empresas, que permanecem no trecho urbano, até quando se inicia a rodovia e passa a dominar a plantação canavieira e o trajeto permanece desta forma até chegarmos ao bairro.

Conforme as imagens aéreas do bairro, figura 7 e 8, é possível verificar que seu entorno está preenchido por esta monocultura, onde o bairro se destaca como um pequeno núcleo urbano.

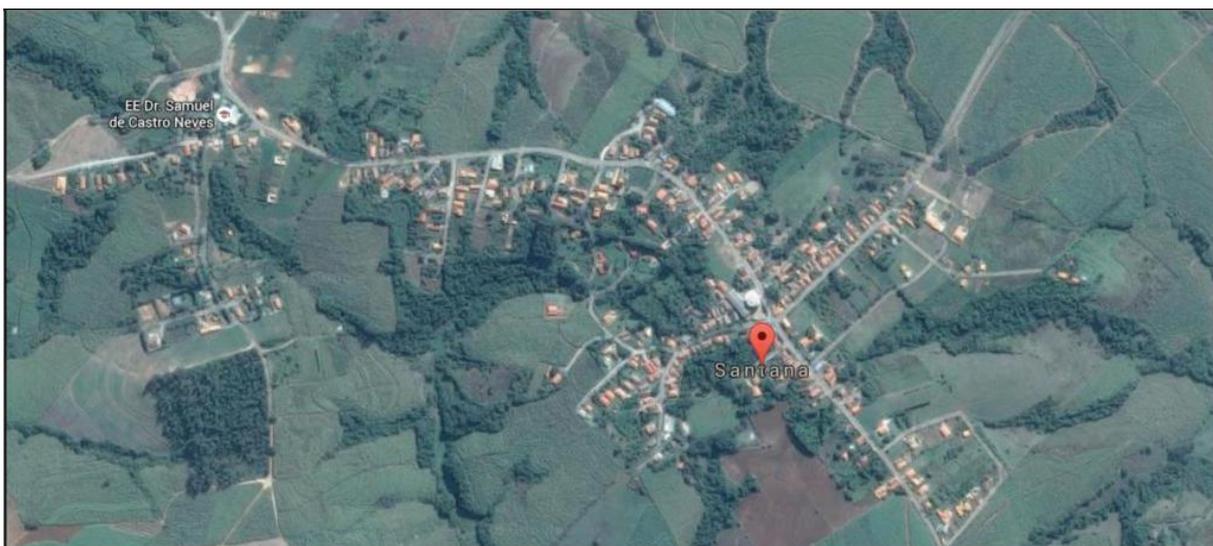


Figura 7 - Vista aérea do bairro

Fonte: Google Maps, 2015



Figura 8 - Vista do Bairro Santana no ano de 2017

Fonte: Cibele Marto de Oliveira et al Dirce G. Vitti (fotografo Davi Negri)

A presença da cana-de-açúcar pode ser observada nas figuras 9 e 10
3
característica esta do município e da região de Piracicaba .



Figura 9 – Monocultura da cana-de-açúcar I
Fonte: Arquivo da autora, 2016



Figura 10 – Monocultura da cana de açúcar II
Fonte: Arquivo da autora (2016)

Na entrada do bairro existe uma bifurcação e um monumento com um símbolo, indicando a direção que vai para Santana e para Santa Olímpia (Figura 11). O acesso à esquerda permite chegar ao bairro de Santana, uma estrada estreita de duas mãos ladeada pelo cultivo de cana de açúcar. Após percorridos 2 km, cerca de 10 minutos, começam a aparecer as primeiras casas do bairro.



Figura 11 - Monumento que indica a entrada aos bairros

Fonte: Arquivo da autora, 2016

As casas que estão na entrada do bairro estão fechadas, os portões são baixos, com boa aparência, observando a Figura 12 ao lado direito existe uma vegetação com árvores de diferentes espécies, e um local de gramado que é utilizado como estacionamento nos dias da realização da festa do vinho, já ao lado esquerdo algumas casas de variam de tamanho. Ao final dessa rua tem um pequeno bar (Figura 13) que em todos os dias da realização da visita ao bairro se encontrava aberto, mas sem clientes.



Figura 12 – Rua da entrada do bairro de Santana

Fonte: Arquivo da autora, 2016



Figura 13 – Estabelecimento comercial I - Bar

Fonte: Arquivo da autora, 2016

Continuando, chegamos à uma pequena rotatória, do lado direito para quem chega, há uma cantina italiana, do lado esquerdo a sede do círculo trentino, e à frente uma Igreja bem ao centro, sendo demonstrada na Figura 14.



Figura 14 – Rotatória do bairro de Santana I

Fonte: Arquivo da autora, 2016

A partir dessa rotatória se entrarmos na rua à direita e seguirmos estaremos indo em direção ao bairro de Santa Olímpia, e se formos à direita ou em frente a área pertence ao bairro de Santana (Figura 15).



Figura 15 – Rotatória do bairro de Santana II

Fonte: Arquivo da autora, 2016

Para compreendermos melhor o bairro tomamos como ponto central a igreja. Podemos observar do lado esquerdo, uma propriedade com um pequeno parreiral; são casas de porte médio a grande, mas, nesse caminho, antes da Igreja não se encontram pessoas na frente de suas moradias, as mesmas aparentam estar fechadas, também observamos duas casas para vender e alugar.

Quando chegamos à Igreja é possível perceber que estamos no bairro, pois a partir dali as ruas se dividem, e todas se ligam à Igreja que é o centro, como mostra a Figura 16.



Figura 16 – Igreja do bairro de Santana

Fonte: Arquivo da autora, 2016

As ruas do bairro têm ligação que com a Igreja, pois é onde está localizada a praça e o salão comunitário que pertence a Igreja, a partir desse ponto se dividem em quatro ruas principais, que vão se ligando as outras, conforme está sendo demonstrada na Figura 17, onde as ruas foram numeradas para melhor compreendermos.



Figura 17 – Ruas principais do bairro de Santana

Fonte: Arquivo da autora, 2016



Figura 18 – Salão comunitário do bairro de Santana

Fonte: Cibele Marto de Oliveira, 2016

Durante todos os dias de visitas ao bairro, haviam pessoas circulando nesse núcleo ao redor da Igreja. Na Figura 19 estão representados onde se localizam um pequeno comércio: com uma padaria, uma venda, uma lanchonete, uma Cantina Italiana, na esquina da Igreja, que só abre às sextas e aos sábados, e pessoas sentadas nos bancos na praça; uma ou outra pessoa

no ponto de ônibus que fica na rua lateral que dá se acesso ao outro bairro, Santa Olímpia.



Figura 19 – Estabelecimentos comerciais II

Fonte: Arquivo da autora, 2016

Descendo a rua frontal à Igreja (rua 3, Figura 17), a mesma faz conexão com outras ruas que já não possuem mais asfalto (Figura 20), uma dessas ruas ao lado direito (sentido igreja - rua 3), há uma vinícola, um pequeno local montado pelos moradores para a produção do vinho, a mesma não possui nenhuma placa ou aviso de indicação, onde só foi possível encontra lá pela indicação dos moradores e nesse mesmo dia de visita o morador responsável nos recebeu e mostrou a vinícola (Figura 21).



Figura 20 – Rua da vinícola
Fonte: Arquivo da autora, 2016



Figura 21 – Vinícola de Santana
Fonte: Arquivo da autora, 2016

3.2.3 A Festa do vinho de Santana

O Bairro é conhecido pelas pessoas de Piracicaba e região, mediante ele é conhecido, a realização da Festa do Vinho, a qual está inserida no calendário turístico do município de Piracicaba e que movimenta cerca de 20 mil pessoas durante os três dias (sexta-feira, sábado e domingo) de festa no mês de junho.

No ano de 2017 realizou-se a 10ª edição da festa, tradicionalmente conhecida pelos moradores de Piracicaba-SP, que vão à festa buscando diversão, comida de boa qualidade e bebida, com destaque para o vinho.

No período da realização das visitas de campo e aplicação dos questionários para elaboração desse trabalho, foi possível compreender a importância da festa para os moradores.

Segundo conversas e relatos feitos durante a observação registrada em cadernos de campo, todos os moradores do bairro estão inseridos de alguma forma na realização da festa, para os quais são delegadas responsabilidades. Como a festa promove uma grande circulação de pessoas que vem de outros bairros de Piracicaba e também de outras cidades, o esforço é conjunto para que tudo saia como previsto.

Na Figura 22, alguns moradores estão finalizando a decoração de entrada dos visitantes para a Festa do Vinho, na qual todos os anos eles tentam diversificar, fato esse que já foi presenciado pela autora que já participou como visitante durante outros anos da festa.



Figura 22 – Entrada da Festa do Vinho

Fonte: Cibele Marto de Oliveira, 2017

Na sexta-feira dia 16 de junho de 2017, que foi o dia da abertura da festa, estivemos acompanhando a organização e pudemos observar como os moradores trabalhavam. Adultos, idosos e crianças, cada um responsável por uma parte, trabalhavam com alegria, ninguém se dizia cansado, principalmente as crianças, gostavam muito do que estavam fazendo. Após tudo organizado, por volta das 20:00 horas, os frequentadores começam a chegar e o movimento de pessoas se amplia no local (Figura 23).



Figura 23 – Abertura da Festa do Vinho

Fonte: Cibele Marto de Oliveira, 2017

Inicia-se a festa tendo a fala do prefeito de Piracicaba, alguns vereadores, secretária do turismo e cultura e os moradores responsáveis pela organização. As pessoas vão passeando, comendo, bebendo e ouvindo a música ao vivo que é executada. Em um determinado momento da festa, ocorre a apresentação de danças tradicionais, tanto de crianças quanto de adultos, buscando mostrar aos de fora a cultura que foi deixada pelos seus antepassados (tataravós, bisavós, avós); desta forma, a festa vai ocorrendo durante os seus três dias, com um grande número de pessoas que vão prestigiar (Figura 24).



Figura 24 – Salão comunitário durante a Festa do Vinho

Fonte: Cibele Marto de Oliveira, 2016

Os moradores buscam mostrar sua tradição, fazendo a ligação com o vinho. Conforme conversa que tivemos durante as visitas à campo com o morador responsável pela produção da bebida, a tradição do vinho foi trazida pelos seus antepassados, devido ao fato da Itália ser conhecida mundialmente pela cultura da uva e produção de vinho.

Desta maneira, eles começaram o cultivo da uva em suas propriedades, tanto que é possível observar algumas pequenas plantações, mas como o próprio morador relatou, existem muitas dificuldades, como o clima que não é favorável, o “veneno” que é jogado na cana de açúcar, que fica no entorno, dizimando a produção de alimentos e o fato do cultivo ser muito pequeno para se produzir o vinho. Sendo assim, a uva que se produz a bebida, é comprada

da região sul do Brasil. A produção local volta-se ao vinho tinto suave, tinto seco, branco suave e rosé suave, e sua venda ocorre na vinícola do bairro e no dia da festa.

3.2.4 Histórias da formação do bairro

É possível compreender a formação do bairro mediante a história contada pelas famílias. Segue um breve relato fornecido pelo Circolo Trentino di Piracicaba, que tem sua sede no bairro de Santana.

A família de Bortolo Andrea Vitti e Maria Maddalena Saltori Vitti, primeiramente fixaram moradia em Campinas-SP, posteriormente em Rio Claro-SP, até que no final de 1892, outras famílias que haviam vindo como emigrantes da mesma região conseguem comprar uma fazenda Santa Olimpia e no início de 1893 dão notícias para a família Vitti que residia em Rio Claro da venda em Piracicaba da fazenda Santana.

Assim no dia 1º de Agosto de 1893 a família Vitti com sua esposa e seus filhos conseguem a compra da Fazenda Santana e aqui vieram morar. A fazenda contava com 300 alqueires. Ela possuía acomodações para todos, a casa grande onde moravam e se reuniam para as orações e outras coisas.

O trabalho principal era o cultivo do café que já havia na fazenda e os produtos de subsistência (arroz, mandioca, produtos de hortaliças, etc.) e a criação de porcos e vaca (leite). Aos poucos após a geada que destruiu o café entra o cultivo de algodão e atualmente é a cana de açúcar. (piracicaba@trentininelmondo.it, 14 jul 2015)

A história completa pode ser encontrada nos apêndices dessa dissertação, porém foi a partir da compra da Fazenda Santana, pela família Vitti, que se iniciou o Bairro de Santana, que está classificado como rural no mapa de macrozona rural de Piracicaba devido à sua localização estar fora do perímetro urbano, mas que em outros mapas o Bairro é denominado de Zona

4

de Urbanização Específica que foi possível compreender o significado após conversar no IPPLAP, essa denominação é aplicada ao bairro devido às características que os engenheiros e arquitetos responsáveis pela elaboração dos mapas, levam em conta, que o bairro não tem aspectos de rural devido à infraestrutura do bairro.

Porém, devido à formação do bairro podemos considerá-lo rural, levando em conta os seguintes aspectos:

- Famílias tradicionais rurais;

- Cultivo da lavoura;
- Dialeto próprio;
- Religiosidade;
- Preservação da cultura (músicas, danças e comida).

Mediante estas características, que é contada na história do bairro, e por meio de conversa com os moradores, foi possível chegar à conclusão que pode ser considerado um bairro rural, baseado nos critérios descritos e analisados.

4 . ANÁLISE DO BAIRRO RURAL DE SANTANA (PIRACICABA-SP)

Por meio da compreensão relacionada aos assuntos anteriormente discutidos, modernização da agricultura, agricultura familiar, bairros rurais. Foi possível fazer a análise dos dados coletados, mediante a aplicação dos questionários nos trabalhos de campo realizado com os moradores do bairro de Santana.

Ao total foram aplicados cinquenta e cinco questionários com os moradores do bairro de Santana, por meio de visitas realizadas ao bairro durante dias da semana. Fomos de casa em casa em busca dos moradores, e também, em dois dias que haveria preparação para festas realizadas no bairro, e havia uma concentração de moradores na praça e no salão da igreja. Desse total, sendo 33 homens e 22 mulheres, com idade a partir de 18 anos.

O bairro, segundo os moradores, tem por volta de novecentos moradores, dessa maneira, foi aplicado o maior número de questionários possível nos dias de visita ao bairro. Chegando a determinado momento, não havia mais famílias a serem entrevistadas, tirando alguns que não quiseram responder ao questionário e outros que não se encontravam nas suas casas nos dias visitados.

Alguns resultados relevantes que caracterizam os moradores do Bairro de Santana.

As primeiras quatro tabelas estão relacionadas às características sociais do entrevistados (tabelas de 2 à 5).

Tabela 2: Faixa etária dos entrevistados

Faixa etária	Frequência
De 18 a 40 anos	3
De 41 a 60 anos	20
Mais de 60 anos	32
Total	55

Fonte: Organizado pela autora, 2016/2017

Tabela 3: Naturalidade dos entrevistados

Cidades	Frequência
Piracicaba	53
Charqueada	2
Outras	0
Total	55

Fonte: Organizado pela autora, 2016/2017

Tabela 4: Grau de Escolaridade

Escolaridade	Frequência
Ensino Fundamental I	23
Ensino Fundamental II	2
Ensino Médio	14
Superior	16
Total	55

Fonte: Organizado pela autora, 2016/2017

Tabela 5: Saúde

Possuem Plano de Saúde	Frequência
Sim	43
Não	12
Total	55

Fonte: Organizado pela autora, 2016/2017

Tabela 6: Aquisição da Propriedade

Características	Frequência
Compra	1
Herança	52
Doação	0
Aluguel	2
Outros	0
Total	55

Fonte: Organizado pela autora, 2016/2017

As próximas tabelas numeradas de 7 à 11, fazem referências as características econômicas dos entrevistados

Tabela 7: Ocupação dos entrevistados

Ocupação	Frequência
Emprego Formal	34
Emprego Informal	0
Atividades domésticas não remunerada	4
Aposentados	17
Outras	0
Total	55

Fonte: Organizado pela autora, 2016/2017

Tabela 8: Exploração da propriedade

Administração da propriedade	Frequência
Proprietário	51
Administrador (sem parentesco)	0
Administrador (com parentesco)	4
Outras	0
Total	55

Fonte: Organizado pela autora, 2016/2017

Tabela 9: Atividades desenvolvidas na propriedade

Atividades	Propriedades
Agrícolas	45
Não-agrícolas (produção de vinho)	10
Outras	0
Total	55

Fonte: Organizado pela autora, 2016/2017

Tabela 10: Tipos de produção agropecuária

Atividades	Propriedades
Monocultura (cana-de-açúcar)	16
Hortaliças	30
Pomar	40
Bovinos	1
Frangos	16
Total	103*

*Algumas propriedades desenvolvem mais de uma atividade

Fonte: Organizado pela autora, 2016/2017

Tabela 11: Tamanho das propriedades

Tamanho em m²	Propriedades
100 à 300	28
301 à 600	4
601 à 900	6
Mais de 901	17
Total	55

Fonte: Organizado pela autora, 2016/2017

No que é relativo às características das propriedades e dos proprietários, foi possível por meio da análise das tabelas apresentadas chegarmos à algumas constatações.

Analisando as características sociais (tabelas 2 e 3) dos moradores, cinquenta e três (53) dos cinquenta e cinco (entrevistados), nasceram em Piracicaba e cinquenta e dois (52), têm mais de 41 anos, isso demonstra um predomínio de adultos para idosos no bairro. Os entrevistados idosos com mais de 60 anos representam 58%, e se formos somar esta população com os acima de 40 anos dá um total 94,5%, este fato foi possível constatar também por meio das visitas e conversas informais com os moradores, e anotações feitas em caderneta de campo, que a população mais jovem mora em bairros de Piracicaba, devido à distância, optam pelo não deslocamento dos 40 km, todos os dias, contando ida e volta, para trabalhar. Sendo assim um bairro calmo, sem tráfego de veículos e pessoas, com pouco comércio, podendo observar nas Figuras 25, 26 e 27.



Figura 25 – As ruas do bairro de Santana I

Fonte: Arquivo da autora, 2016



Figura 26 – Praça do bairro de Santana

Fonte: Arquivo da autora, 2016



Figura 27 – As ruas do bairro de Santana II

Fonte: Arquivo da autora, 2016

Os níveis escolares (tabela 4), não ocorre um padrão estando distribuídos entre os que fizeram apenas os anos iniciais e os que chegaram ao nível superior.

Uma das questões sociais que merece destaque, é que 78% possuem plano de saúde (tabela 5), esse elevado índice demonstra a preocupação que os moradores tem com a mesma, podemos concluir sendo uma população mais envelhecida necessita de maiores cuidados com a saúde. Durante as conversas com os moradores e anotações em caderneta de campo, eles demonstravam preocupação em cuidar da saúde, não se medicam por conta própria, tanto que o bairro não possui nenhuma farmácia, dos 55 questionários aplicados foi unanime a resposta: buscam sempre primeiro um médico ao invés de ir à farmácia.

Devido à formação histórica do bairro, e a cultura e tradição fortemente presente, cinquenta e três (53) das cinquenta e cinco (55) propriedades foram adquiridas por meio de herança. Segundo a questão 1.5 do questionário – *Há quanto tempo a propriedade pertence a família?* – foi possível chegar a conclusão que as mesmas datam de mais de 100 anos e foram passando de geração em geração, sendo dividida para os filhos e assim sucessivamente, característica essa de uma tradição cultural dos imigrantes europeus e presentes na formação dos bairros rurais paulistas, onde as grandes fazendas eram divididas pela família. (FERNANDES, 1971)

Analisando as questões econômicas (tabela 7), os moradores que trabalham, e tem um emprego formal, trinta e quatro (34) dos cinquenta e cinco (55), realizam suas funções nas indústrias, comércio e serviços em Piracicaba, e os que já se encontram aposentados também exerciam suas funções dentro dessas atividades, porém alguns, dentre esses, dezesseis (16) contando os moradores, a partir dos 41 anos, possuem um renda, a mais proveniente do cultivo da cana-de-açúcar, sendo arrendatários ou arrendadores, herança essa deixada pelos seus antecessores.

Buscando chegar ao objetivo do estudo realizado no trabalho, referente às propriedades agrícolas, não agrícolas e agricultura familiar, a partir, da análise das tabelas 9 e 10, foi possível constatar que mais de 50% dos

cinquenta e cinco moradores entrevistados (55) possuem pelo menos uma atividade dentro de sua propriedade ligada à agropecuária. As hortaliças e pomares são os que estão em maior número, mas tanto esses produtos quanto os outros apresentados na tabela 10, com exceção da cana-de-açúcar, são utilizados apenas para subsistência, e não como forma de obtenção ou complementação de renda. O fato de cultivarem produtos ou terem animais como frangos, é devido ao aprendizado que lhes foi deixado pelos seus pais/avós, e assim, gostarem de “mexer na terra”, na Figura 28 e 29, podemos observar a horta em uma das casas e uma plantação de banana com outras espécies de árvores.



Figura 28 – Horta

Fonte: Arquivo da autora, 2016



Figura 29 – Plantação de banana

Fonte: Arquivo da autora, 2016

Assim, observando a tabela 9, existe uma grande maioria de moradores entrevistados, quarenta e cinco (45), que tem atividades agrícolas em suas propriedades, mas apenas para subsistência, e devido à metragem das propriedades (tabela 11), todos tem um espaço onde possa plantar e colher.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os moradores do bairro de Santana se dedicam ou dedicaram suas vidas nas ocupações agrícolas como herança, desde a primeira família que formou o bairro, e trabalharam na lavoura, primeiramente o café, substituído pelo algodão e, na década de 1960, ao cultivo de cana-de-açúcar. Foi nesse momento que os moradores foram se adaptando às transformações do campo a partir do processo da modernização da agricultura. Forneceram suas terras e mão de obra ao cultivo da cana-de-açúcar, sendo que alguns permaneceram no bairro e outros o deixaram em busca de melhor qualidade de vida. Porém, no final do século XX, moradores antigos voltam ao bairro em busca de tranquilidade e segurança. (Zonas de Zeladoria do Patrimônio Cultural – Piracicaba: IPPLAP, 2013).

O objetivo geral deste trabalho, constituiu-se na identificação e reflexão relacionadas às características sociais, econômicas e culturais dos moradores do bairro rural de Santana, Piracicaba-SP, e sua relação com a agricultura. Mediante essa ideia central, e a relação das atividades agrícolas, não agrícolas e a pluriatividade, é que realizamos nossa pesquisa

Sendo assim, foi possível chegarmos a algumas considerações a respeito do estudo realizado. Como ponto principal de que estava sendo investigado, se os moradores do bairro têm relação com as atividades pluriativas, podemos considerar que, se formos compreender que pluriativo pode ser considerado aqueles que trabalham no meio urbano e residem no meio rural, tendo uma relação com a terra, com uma pequena produção voltada para subsistência e também produção de vinho, então podemos considerar que são pluriativos. Porém, se entendermos que a pluriatividade está associada à insuficiência de renda gerada na unidade de produção familiar, o que impõe aos seus membros a necessidade de complementá-la pelo exercício de novas atividades. A precarização, neste caso, se assemelharia àquela constatada para o caso dos assalariados agrícolas em tempo parcial. (BACCARIN; SOUZA, 2012), desse modo, os moradores do bairro de Santana, não poderiam ser considerados pluriativos, pois o vínculo que eles têm com a terra, foi aqueles que seus pais deixaram como herança, onde eles desenvolvem práticas agrícolas, mas não dependem da renda da terra para sobreviver. Os

moradores, de um modo geral, não trabalhavam na terra e foram em busca de trabalho em tempo parcial.

Nesse sentido, refletimos sobre a relação que a terra tem com esses moradores, quais são os tipos de relações sociais, econômicas e culturais que fazem com que eles permaneçam residindo em uma região considerada rural, pelo fato de estar fora do perímetro urbano da cidade, e cercada pela monocultura de cana-de-açúcar.

Concluimos, então, que a permanência dos moradores no bairro remete aos laços afetivos e familiares, os mesmos não encontram nenhum problema em morar um pouco “afastado” do centro do município, respondem sempre que só irão sair do bairro a hora que falecerem.

A partir dessa compreensão, podemos entender que a relação com a terra não é somente com a obtenção de renda, e sim da relação afetiva que se tem com a mesma.

REFERÊNCIAS

ANTONELLO, I. T. Reestruturação do Mercado de Trabalho no Espaço Rural na Contemporaneidade. In: **XXI Semana de Geografia “O Brasil frente aos arranjos espaciais do século XXI”**, Londrina, 2005, *Anais...*, 2005. p. 1-20 CD ROOM .

_____. Espacialização do Capital no Espaço Rural Norte Paranaense. In: **14º Encontro Nacional de Geógrafos**. 44ª Assembléia Geral da Associação dos Geógrafos Brasileiros, Rio Branco/Acre: AGB, 2006. p.1-12.

_____. Reestruturação produtiva no espaço rural: Forjando mutações nas relações urbano-rurais. **Revista Temas/ Matizes**, Cascavel: UNIOESTE, vol. 8, nº 16, p. 24-51, 2009.

ANTUNES, M. V. M. **Agricultura e organização espacial dos distritos municipais: estudo de caso em Jamaica e Jaciporã/ Dracena (SP)**. Presidente Prudente, 2016. Dissertação (Mestrado em Geografia), Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Ciência e Tecnologia.

BACCARIN, J.G; SOUZA, J. G. Um questionamento sobre a capacidade explicativa do conceito de pluriatividade em uma região de pequena agricultura diversificada. **GEOGRAFIA**, Rio Claro, v. 37, n. 1, p. 19-31, jan./abr. 2012.

BARRETO, A. G. O. P; SPAROVECK, G; GIANNOTTI, M. **Atlas rural de Piracicaba**. Piracicaba: IPEF, 2006.

CÂNDIDO, A. **Os parceiros do rio bonito: estudo do caipira paulista e a transformação dos meios de vida**. Rio de Janeiro: José Olympio Editora, 1964.

CARNEIRO, M. J. Ruralidades: novas identidades em construção. **Estudos Sociedade e Agricultura**, n. 11, 1998, p.53-75.

_____. A pluriatividade na agricultura familiar. **Estudos Sociedade e Agricultura**, n. 19, 2002, p.176-183.

CATI – **Coordenadoria de assistência técnica integral**. Disponível em < <http://www.cati.sp.gov.br/news/index.php>> Acesso em 10 Jul 2016.

CIRCOLO TRENTINI DI PIRACICABA. **História de Santana**. [mensagem pessoal]. Mensagem recebida por:< marcelagraca@yahoo.com.br> em 14 jul 2015

DORETTO, M.; DEL GROSSI, M. E; LAURENTI, A. C. Rendas agrícolas e não-agrícolas das famílias rurais: estudo de caso com pesquisa quantitativa de campo no Patrimônio Espírito Santo, município de Londrina, PR . In: CAMPANHOLA, C; GRAZIANO, J. da Silva (Editores técnicos). **O novo rural brasileiro: rendas das famílias rurais**. Brasília: EMBRAPA, vol. 6, cap. 9, 2004, p. 205-262.

ELIAS, D. de S. **Globalização e Agricultura**. São Paulo: Edusp, 2003.

FERNANDES, L. L. **O bairro rural dos Pires**: estudo de geografia agrária. São Paulo, 1971. Dissertação (Mestrado em Geografia). Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo.

FERREIRA, B.; BALSADI, O. V.; FREITAS, R. E.; ALMEIDA, A. N. Ocupações agrícolas e não-agrícolas: trajetória e rendimentos no meio rural brasileiro. In: DENEGRI, J. A.; DENEGRI, F.; COELHO, D. **Tecnologia, Exportação e Emprego**. Brasília: IPEA, 2006. Disponível em: < <http://www.ipea.gov.br>>. Acesso em: 08 ago. 2016.

FULLER, A. M. From Part Time Farming to Pluriactivity: a decade of change in rural Europe. **Journal of Rural Studies**, London, v.6, n.4, p.361-373, 1990.

GOOGLE MAPS. [**Santana - Piracicaba**]. [2017]. Nota. Disponível em: < <https://www.google.com.br/maps/@-22.6246398,47.7269944,351m/data=!3m1!1e3>>. Acesso em: 10 ago 2016.

GRAZIANO, J. da S.; DEL GROSSI, M. E. **A evolução da agricultura familiar e do agribusiness nos anos 90**. Disponível em:< <http://www.eco.unicamp.br/projetos/Rattner.html>>. Acesso em: 21 jan. 2016.

GRAZIANO, J. da S. **A nova dinâmica da agricultura brasileira**. Campinas: UNICAMP, 1996

_____. O novo rural brasileiro. **Nova economia**, Belo Horizonte, 7(1) p.43-81, maio 1997.

GRAZIANO, J. da S.; DEL GROSSI, M. CAMPANHOLA, C. O Que Há de Realmente Novo no Rural Brasileiro. **Cadernos de Ciência & Tecnologia**, Brasília, v.19, nº. 1, p.37-67, jan/abr. 2002.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA. Censo agropecuário de 2006. Disponível em:< <http://www.sidra.ibge.gov.br>> Acesso em: 04 out 2016.

_____. Censo demográfico de 2006. Disponível em:< <http://www.sidra.ibge.gov.br>> Acesso em: 04 out 2016.

IPPLAP – **Instituto de Pesquisa e Planejamento de Piracicaba**. Disponível em:< www.ipplap.com.br> Acesso em: 21 jan 2017.

_____. **Zonas de Zeladoria do patrimônio cultural** – Piracicaba: IPPALP, 2013.

IRRIGART- Recursos Hídricos e Meio Ambiente. nº391/11. **Plano Municipal de Gestão de Recursos Hídricos do Município de Piracicaba**, maio, 2011.

MOREIRA, E. V.. **A ruralidade e a multifuncionalidade nos espaços rurais de Piedade e Pilar do Sul-SP**. 2012. Tese (Doutorado em Geografia), Faculdade de Ciências e Tecnologia, Universidade Estadual Paulista, Presidente Prudente.

MOREIRA, R. **Pensar e ser em geografia**: ensaios de história, epistemologia e ontologia do espaço geográfico. São Paulo: Contexto, 2007.

OLIVEIRA, C. M. **As festas na constituição do sentido de lugar nos bairros rurais dos municípios paulistas de Cordeirópolis e Piracicaba**. Rio Claro, 2017, 314 f. Tese (Doutorado em Geografia). Universidade Estadual Paulista, Instituto de Geociências e Ciências Exatas.

QUEIROZ, M. I. P. de. **Bairros rurais paulistas**: dinâmica das relações bairro rural-cidade. São Paulo: Livraria Duas Cidades, 1973.

RUA, J. A resignificação do rural e as relações cidade-campo: Uma contribuição geográfica. **Revista ANPEGE**, n.º. 2, p.45-65 , 2005.

_____. Urbanidades no rural: o devir de novas territorialidades. **CAMPO-TERRITÓRIO**: Revista de Geografia Agrária, Uberlândia, n. 1, v. 1, p. 82-106, fev. 2006.

SANTOS, M. **A natureza do espaço**: técnica, tempo e razão e emoção. 4.ed. 6. reimpr. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2011.

SCHNEIDER, S. **Agricultura familiar e industrialização**: Pluriatividade e descentralização industrial no Rio Grande do Sul. Porto Alegre: Ed. Universidade/UFRGS,1999.

_____. Teoria social, agricultura familiar e pluriatividade. **RBCS** Vol. 18 n.º. 51, fev. 2003

SILVA, S. P. N. **Os desafios de manter as tradições culturais de uma comunidade tiroleza da Itália na modernidade**: “ Festa da polenta de Piracicaba” – São Paulo, 2010. Trabalho de conclusão de curso - Escola de Comunicação e Artes - Universidade de São Paulo.

SOUZA, P. C. de; HESPANHOL, A. N. Bairros rurais e resistência: a formação das comunidades rurais no oeste paulista. **CAMPO-TERRITÓRIO**: Revista de geografia agrária, n. 10, v.5, p.168-193, ago. 2010.

TEIXEIRA, V.L. A evolução das ocupações não agrícolas no meio rural Fluminense nas décadas de 80 e 90. In: CAMPANHOLA, C.; GRAZIANO da SILVA, J. (Editores técnicos). **O Novo Rural brasileiro**: uma análise estadual: Sul, Sudeste e Centro – Oeste. Jaguariúna: Embrapa Meio Ambiente, v. 3, 2000., p.119-149.

VEIGA, J. E. Destinos da ruralidade no processo de globalização. **Estudos Avançados**, São Paulo n. 51, p. 51-67, maio-ago. 2004.

APÊNDICE 1: Questionário aplicado aos moradores do bairro rural de Santana



Instituto de Geociências e Ciências Exatas
Departamento de Geografia

Questionário para pesquisa de mestrado “CARACTERIZAÇÃO DO POTENCIAL DAS PROPRIEDADES RURAIS FAMILIARES EM PIRACICABA-SP PARA A MULTIFUNCIONALIDADE e PLURIATIVIDADE”.

Capas –

I – IDENTIFICAÇÃO DO PROPRIETÁRIO E CARACTERÍSTICAS GERAIS DA PROPRIEDADE

ENTREVISTADO(A)

Situação do entrevistado

() proprietário () membro da família () outras Qual? _____

Sexo: () Masculino () Feminino

Idade: _____ Naturalidade: _____

1- TAMANHO E LOCALIZAÇÃO DA PROPRIEDADE

1.1- Tamanho da propriedade em hectares ou alqueires: _____

1.2-Localização: _____

1.3-GPS: _____

1.4- A propriedade foi obtida por

() compra () herança () doação () outros Qual? _____

1.5- Há quanto tempo a propriedade pertence à família? _____

1.6- Qual a principal atividade do proprietário? _____

1.7- Quem reside na propriedade?

() proprietário () proprietário e família () membros familiares () outros

Quais? _____

1.8- Distância da cidade de Piracicaba em km: _____

1.9- Tempo gasto para ir da propriedade até o centro da cidade utilizando-se automóvel:

1.10- A principal estrada que liga a propriedade à cidade é: () pavimentada () não pavimentada

1.11- Há alguma linha de ônibus urbano ou interurbano que circula próximo da propriedade? () sim () não Qual? _____

1.12- Qual sua relação com a vizinhança?

() parentesco () compadrio () amizade () sem relação ()

outras Qual? _____

2- EXPLORAÇÃO DA PROPRIEDADE

2.1- A propriedade é dirigida por:

() proprietário () administrador () Outro

Qual? _____ 2.2- A propriedade é explorada:

() apenas pela família () pela família e outras pessoas

2.3- Quantos hectares (alqueires) são explorados pela família? _____ %

2.4- Quem explora o restante?

() arrendatário % _____ () parceiro % _____ () posseiro % _____

3- CARÁTER DA MÃO-DE-OBRA UTILIZADA NA PROPRIEDADE

QTDE, TEMPO E CUSTO	FAMILIAR	ASSALARIADA		OUTRA
		TEMPORÁRIA	PERMANENTE	
Quantos				
Período				
Custo				

4 - ATIVIDADES DESENVOLVIDAS E RENTABILIDADE:

4.1- As atividades desenvolvidas na propriedade são de tipo:

() agrícolas () não-agrícolas () agrícolas e não-agrícolas

4.2- Qual a atividade principal? _____

4.3- A atividade que gera maior renda é: _____

4.4- O total da renda familiar mensal é de R\$ _____ Anual é de R\$ _____

5- EQUIPAMENTOS TECNOLÓGICOS QUE PERMITEM DIVERSIFICAR E AUMENTAR A PRODUÇÃO AGRÍCOLA:

5.1- A família possui:

Respostas	Trator	Colheitadeira	Semeadeira	Máq. de despolpar grão	Arado tração animal	Outros	Nenhum
Sim						Se sim, qual?	
Não							
Utilização							

5.1.2- Em caso de não possuir nenhum desses equipamentos a família:

() aluga de quem os possui () toma emprestado () paga pelos serviços

() executa ela mesma todos os serviços de forma manual

5.2- Utilização de adubos e corretivos na lavoura:

Adubos	Sim	Não	Qtde. anual	Custo	Produção própria
Químicos					
Orgânicos					
Corretivos					

6- ASSISTÊNCIA TÉCNICA E FINANCIAMENTOS:

6.1- A família conta com:

Respostas	Assistência técnica	Financiamento	Atividade financiada	
			Agrícola	Não-agrícola
Sim				
Não				
Custo				
Quem*				
Freqüência				

*Secretaria Municipal da Agricultura, Casa da Agricultura, Sindicato Rural e outro (quais?)

6.2- Como você avalia a atuação dos seguintes órgãos junto ao pequeno produtor rural

RESPOSTAS	ÓRGÃOS			
	Secretaria Municipal da Agricultura	Casa da Agricultura	Sindicato Rural	Bancos
Ótima				
Boa				
Regular				
Ruim				
Não sabe responder				

II- PRODUÇÃO AGROPECUÁRIA, ÁREA OCUPADA* E RENTABILIDADE*

* área em hectares ou alqueires; valor da produção em R\$.

7. Pecuária:

Produtos animais	Nº	Área Ocupada	Produtividade /ano	Qtde. Auto-consumida	Excedente	Destino do excedente	Valor da Produção
Bovinos p/leite							
Bovinos p/corte							
Suínos							
Eqüinos							
Ovinos							
Frangos							
Perus							
Avestruzes							
Codornas							
Peixes							
Abelhas							
Rãs							
Outros							

8. Agricultura:

Produtos vegetais	Área cultivada	Produção	Quantidade auto-consumida	Excedente	Destino excedente	Valor da produção
Feijão						
Arroz						
Mandioca						
Hortaliças						
Abobrinha						
Berinjela						
Chuchu						
Pimentão						
Cogumelos						
Algodão						
Amendoim						
Cana						
Café						
Milho						
Soja						
Banana						
Laranja						
Limão						
Mexerica						
Manga						
Outros Quais?						

III – CARACTERIZAÇÃO DO GRUPO FAMILIAR - aspectos demográficos, grau de instrução, infra-estrutura e bens da família agricultora – aquela que efetivamente produz como proprietária ou não

9. Por quantas pessoas a família é composta? _____

9.1- Número de pessoas da família por idade, sexo e atividade praticada

Número de pessoas da família por idade, sexo e atividade praticada			
IDADE	FEMININO	MASCULINO	ATIVIDADE PRATICADA
0-1			
1-5			
5-10			
10-15			
15-20			
20-30			
30-60			
60 OU +			

10 - Grau de escolaridade e religião dos membros da família

Grau de escolaridade e religião dos membros da família												
Família	Analfabeto (a)	Fundamental		Médio		Superior		Religião				
		4ª série	8ª série	2º grau comp.	2º grau incomp.	Comp.	Incomp.	Cat.	Evang.	Esp.	Cand.	Umb.
Pai												
Mãe												
Filho 1												
Filho 2												
Filho 3												
Filho 4												
Filho 5												

11- Caráter e infraestrutura da habitação e bens da família

11.1 Tipo de construção e eletrodomésticos:

Resposta	Casa			Vaso sanitário		Cômodos	Eletrodomésticos			
	Alvenaria	Madeira	Barro	C/água encanada	S/água encanada		Tv	Rádio	Geladeira	Computador
Sim										
Não										
					Qtde.					

11.2- Transporte: A família possui:

Respostas	Automóvel	Jeep	Caminhonete	Caminhão	Carroça	Bicicleta
Sim						
Não						

12- SAÚDE

12.1- A família procura o médico:

() regularmente () só quando algum membro adoecer

12.2- A família possui plano de saúde?

() sim () não () somente um ou alguns membros possuem

12.3- Quando alguém da família adoecer, procura-se primeiro:

() médico () farmácia () curar a doença tomando remédios caseiros

13. - Alimentação : Quantas refeições a família costuma fazer diariamente?

() uma () duas () três () + de três

IV- ASPECTOS POLÍTICOS E CULTURAIS:

14- Você acompanha regularmente o noticiário sobre o meio rural?

() sim () não () de vez em quando

15- Você é associado a:

() sindicato () clube () partido político () nenhuma instituição () outros Qual? _____

16- O que você acha necessário para ter sucesso na agricultura?

() trabalhar na própria terra () dispor de sementes e animais de boa qualidade

() ter acesso à máquinas para trabalhar

() transformar seus próprios produtos agregando-lhes mais valor

() ter assistência técnica regularmente () outros Quais? _____

17 – Em sua opinião, qual é a função da agricultura/agricultor na sociedade hoje?

() produção de alimentos () preservação do meio ambiente () manutenção das tradições culturais

() fonte de renda para família () Outras Quais? _____

18- Em sua opinião qual o problema em se residir no campo hoje?

() dificuldade de acesso à cidade () violência () falta de infraestrutura

() outros Qual? _____

19- Em uma situação de lucratividade (sobra de dinheiro) qual seria sua prioridade de investimento?

() comprar mais terras () comprar animais () comprar maquinário () poupança

() comprar bens imóveis na cidade () compra veículos () outros Quais? _____

20- Você venderia suas terras para:

() comprar outras maiores em outro lugar

() comprar outras melhores, ainda que menores

- mudar-se para a cidade e desenvolver outra atividade
 ajudar um filho em dificuldade financeira
 outros Qual? _____
 não venderia suas terras por nenhum motivo
- 21 – O tamanho da propriedade é, hoje, suficiente para a reprodução da família?
 sim não Por quê? _____
- 22 – Há algum produto agropecuário tradicional em sua propriedade?
 sim não Qual? _____
- 23 – Há alguma prática ou atividade tradicional em sua propriedade?
 sim não Qual? _____

V – POTENCIAL E CARÁTER DAS ATIVIDADES NÃO-AGRÍCOLAS

24- Na propriedade há lugares que possam atrair visitantes/turistas para passear e/ou praticar esportes?

sim não Quais ? _____

24.1- Quais dias da semana são preferidos pelos visitantes/turistas?

24.2- Estas pessoas pagam para ter acesso aos lugares? sim não Quanto?

24.2- É realizada na propriedade alguma festa religiosa ou cultural que atrai pessoas da vizinhança, da cidade e/ou de outros lugares?

sim não Qual? _____

APÊNDICE 2: História do Bairro Rural de Santana

História

No final do século XIX, a região trentina do Tirol (então Império Austro-húngaro) enfrentava uma grande crise. As dificuldades obrigavam famílias inteiras a emigrar, na esperança de uma vida nova e melhor.

Muitos camponeses desejavam emigrar para o Brasil, mas não sabiam direito como proceder. Naquela época, o Brasil era um império governado por D. Pedro II, que buscava mão de obra no Norte da Itália e no Tirol. A *Companhia de Emigração Caetano Pinto* trazia colonos para as fazendas de café e para as colônias do Sul.

Entre as famílias do Império Austro-húngaro que deixavam sua terra natal, estavam aquelas de Cortesano, Meano e Vigo Meano, localizados ao redor do Monte Gazzadina, distrito de Trento – Tirol (atual Província Autônoma de Trento – Itália).

As notícias sobre a emigração começavam a se espalhar e chega até onde a família de Bortolo Andrea Vitti e Maria Maddalena Saltori Vitti e seus filhos moravam, camponeses da pequena cortezasno (distrito de Trento – região do Tirol) e decidiram emigrar para o Brasil e começaram os preparativos.

No dia 31 de Julho de 1877, embarcou no Navio Nord America, a família de Bortolo Vitti e Maria com seus dez filhos Angelo, Ana, Jorge, Benjamin, Narcisa, Paulo, Jacob, Jacinto, Domingos e Otavio.



Bortolo Vitti e Maria Saltori Vitti

A viagem foi difícil e o navio precisou fazer paradas para reparos. No dia 23 de agosto de 1877, aportou no Rio de Janeiro, e de lá a família continuou a viagem para

São Paulo com o navio, e durante seu retorno para a Europa, naufragou na costa da África, carregado de café brasileiro. Esta notícia chegou até os parentes que ficaram na Itália que pensaram que eles tinham morrido e assim as relações entre as famílias acabaram.

Ao chegarem em São Paulo, agora colonos seguiram para as fazendas de café do Visconde de Indaituba, região de Campinas na Fazenda Sete Quedas. Muitos foram as famílias que o Visconde recebeu no ano de 1877 em sua fazenda e segundo ele “essas famílias apresentavam grande moralidade, união e amor ao trabalho”.

Os colonos trabalharam na fazenda Sete Quedas, num contrato de nove anos, recebendo 500 réis por alqueire de café colhido. Eles tinham o direito ao uso das terras (sem limites) para plantio de cereais e legumes. O visconde fornecia carne e demais alimentos, que seriam descontados após as colheitas.

Em 1887, após um ano do término do contrato, as famílias Vitti e Forti (que chegou depois) com as economias conseguiram comprar um pequeno sítio em Rio Claro o sítio Rio Cabeça e ali permaneceram por 6 anos (1893).

Nesse espaço de tempo de **1877 a 1892** ***outras famílias vieram como emigrantes e já haviam se estabelecido em Piracicaba, na fazenda Monte Alegre, as famílias Cristofolletti, Stenico, Correr, Brunelli e Pompermayer**, e no final de 1892 conseguem comprar uma fazenda (Santa Olimpia) e no início de 1893 dão notícias para a família Vitti que reside em Rio Claro da venda em Piracicaba da fazenda Santana.

No dia 1º de Agosto de 1893 a família Vitti com sua esposa e seus filhos com alguns já casados conseguem a compra da fazenda Santana e aqui vieram morar. A fazenda contava com 300 alqueires. Ela possuía acomodações para todos, a casa grande onde moravam e se reuniam para as orações e outras coisas.

O trabalho principal era o cultivo do café que já havia na fazenda e os produtos de subsistência (arroz, feijão, mandioca, produtos de hortaliças, etc) e a criação de porcos e vaca (leite).

O tempo passa a família cresce, e os grandes valores a fé, o amor ao trabalho e os bons costumes estão sempre em primeiro lugar. Também outras famílias de outras origens vieram se estabelecer na fazenda como as Forti (1895), Gobetti (1920), Bomback e Marim (1928), Vendemiatti (1930), etc.

No início houve uma grande geada que atingiu a fazenda destruindo (queimando) muitos pés de café e não foi possível pagar o contrato da compra, foi preciso então vender um pedaço da propriedade para pagar a dívida. Aos poucos entra também o cultivo de algodão e atualmente é a cana-de-açúcar.

A construção da igreja de Santana

A religiosidade era uma característica marcante dos imigrantes trentinos. Em 1927, durante as comemorações da chegada ao Brasil, decidiu-se pela construção da primeira igreja. Antes, as missas eram realizadas pelos frades numa casa grande, durante suas visitas à colônia. Foi organizada uma comissão para dar início à construção da igreja, Paulo Vitti e filhos doaram o terreno para a construção da igreja e assim teve início e, em 1929, foi inaugurada a primeira igreja de Sant'Ana. Com o passar dos anos, a pequena igreja teve sua estrutura comprometida e havia se tornado pequena.



A velha igreja de Sant'Ana.

Em 1960 teve início a construção da atual igreja, que foi inaugurada em 1965 e até hoje continua em reformas e hoje está na fase de acabamento final.



Atual igreja do Bairro Santana.

O contato com o Trentino

Durante o período que ficaram no Brasil, os imigrantes e seus descendentes não tiveram contatos com os parentes que haviam ficado no Trentino.

A descoberta da existência de parentes na terra de origem se deu em 1987, quando Padre Moacyr Jose Vitti, Dirce Gobette e Silvia Maria Gobette Negri, por intermédio de Bruno Fronza, entraram em contato com a família Vitti e souberam da existência do Bairro de Santana.

A partir de então, começou um intercâmbio entre as famílias e um ano depois vieram membros da família Vitti para visitar os parentes. Os membros da família Vitti no Brasil e no Trentino mantêm um forte laço de amizade que perdura até hoje.

Bairro Santana

Logo ao chegar no Bairro Santana, é notório que se trata de um lugar especial. A nova praça da igreja foi idealizada segundo os padrões europeus e lembra as praças das pequenas cidades nos vales do Trentino. Mas não apenas nas construções: o jeito de falar dos moradores e seus hábitos já demonstram que o bairro é um pedaço do Trentino no Brasil.

Contudo, os primeiros imigrantes que aqui chegaram enfrentaram muitas dificuldades para preservar sua religiosidade, cultura e costumes. Com muita fé e determinação mantiveram seu legado e seu jeito de ser, que foi passado para as gerações futuras.

Muitas são as particularidades de Santana: as danças típicas, as músicas e as canções de montanha, a culinária tirolesa e a o calor humano que há entre todos, procurando sempre resgatar o que foi deixado pelos nonos trentinos.

O que também tem contribuído foi que em 1987 foi fundado o Circolo Trentino di Piracicaba, com muitos sócios e hoje tem sua própria Sede.

Temos também a banda Nostalgia e grupos de danças típicas que procuram mostrar as danças trentinas, que são apresentadas nos eventos que o bairro realiza. Sendo os principais: anualmente jantar italiano em Maio, festa do Vinho em Junho, este ano na 8º edição e em agosto as festas de imigração (este ano 138 anos) e da chegada dos nonos ao bairro (122 anos) com muita comida típica, canções e danças típicas desde as crianças até as pessoas da 3ª idade são envolvidas. Muito tem sido feito para conservar e resgatar toda essa beleza que os nonos nos deixaram.



A PRIMEIRA GERAÇÃO DE MULHERES

(menos os dois Padres)



A PRIMEIRA GERAÇÃO DE HOMENS

A festa do centenário da imigração e o resgate das tradições

No ano de 1977, ano do centenário da imigração trentina ao Brasil, a comunidade de Santana organizou uma grande festa para relembrar a chegada dos nonos com a presença de várias autoridades de Piracicaba e do consulado austríaco. A festa marcou a comunidade, com apresentações de danças, cantos, comidas típicas e tradições religiosas e, a partir da festa, a comunidade passou a resgatar muitas tradições trazidas pelos nonos.

Outro momento importante para o bairro foi a Festa do Centenário de Santana, realizada no ano de 1993. Neste ano, foi criado o símbolo de nossa comunidade, o macinho de flores (“Mazzolin di Fiori”) e a frase “Esperança de uma Vida Nova”, fortalecendo ainda mais as nossas tradições.

Foi uma grandiosa festa que envolveu todos os moradores do bairro e deixou grandes marcos que até hoje podem ser vistos, como o monumento na entrada da Colônia, que simboliza o entrelaçamento da história dos bairros Santana e Santa Olímpia, com os seus respectivos símbolos: em Santana o “Mazzolin di Fiori” e em Santa Olímpia a borboleta, lembrando o mapa da Província Autônoma de Trento. O monumento foi idealizado e realizado por João Otávio de Mello Ferracciu.

O símbolo do bairro

O símbolo do bairro é o *Mazzolin di Fiori* (maço de flores). O ramo de flores foi escolhido durante os festejos do centenário da imigração tiroleza. Ele retrata uma popular canção trentina (*Quel mazolin de fióri*) e representa as tradições mantidas entre os descendentes. O laço traz as cores da Áustria (vermelho e branco), recordando a antiga pátria. No centro, uma *Stella Alpina* (*Edelweiss*), flor símbolo do Amor Eterno.